

A personalidade de Jesus perante o labirinto evangélico

Américo Correa Marques

*Ego vero Evangelio non crederem,
nisi me catholicae Ecclesiae comoveret auctoritas*
Santo Agostinho, Obras

ÍNDICE

PREFÁCIO	3
INTRODUÇÃO	7
1. HISTÓRIA DOS EVANGELHOS E DA VULGATA LATINA	8
Suas origens.....	8
Noções gerais	8
Tradição oral	8
Surtem os primeiros escritos.	10
Mateus	10
Marcos.....	12
Lucas	13
Quarto Evangelho.....	13
A Vulgata Latina	14
2. CARACTERÍSTICAS DOS QUATRO EVANGELHOS	16
Discordâncias e aberrações	16
O quarto evangelho	16
O sinóticos.....	17
Aberrações, discordâncias, falhas e contradições	18
3. JESUS E OS MILAGRES EVANGÉLICOS	27
4. A DOCTRINA MORALISTA ATRIBUÍDA A JESUS	32
5. BELEZA E SUBLIMIDADE DOS ENSINOS DE CONFÚCIO	38
6. NASCIMENTO, VIDA, MORTE E RESSURREIÇÃO DE JESUS	41
Comentando historiadores.....	41
Nascimento de Jesus.....	42
A prisão e morte de Jesus.....	43
Ressurreição, prodígios e aparições	47
7. COMO TERIA SIDO A MORTE DE JESUS?	51
8. A REALIDADE HISTÓRICA	54
9. OS EVANGELHOS E O RESULTADO DO SEU USO E ABUSO	56
10. EVANGELHOS APÓCRIFOS	61
CONCLUSÃO	62

PREFÁCIO

Mais um livro sobre Jesus

*De tal modo imitou o Papa a singeleza
do martir do Calvário
que, à força de gastar os bens com a pobreza, tomou-se milionário.*

*E toda essa riqueza imensa, acumulada
por tantos financeiros,
o que é a economia, oh Deus! foi começada
só com trinta dinheiros!*

GUERRA JUNQUEIRO

Aos trabalhos de Renan, Wilde, Tolstoi, Ludwig, Nascimento Cottas e Aníbal Vaz de Melo, que traçam de maneira nova a personalidade inconfundível de Jesus, vem juntar-se agora a colaboração magnífica de Américo Corrêa Marques.

Trata-se de um estudo rápido, é certo, mas cheio de riqueza verbal e de fecundo raciocínio, conseguindo trazer à tona de um oceano de hipocrisias e deturpações evangélicas o perfil grandioso de Cristo – o mais explorado dos homens.

Seu autor, convém dizê-lo já, faz parte daquele grupo de almas emancipadas que, desde há muito, trocou o manto negro da batina pelo trabalho honrado a áspero dos que usam a pena para servir à Humanidade.

Sabemos de antemão o que a camorra reacionária é capaz de desenvolver para impedir que trabalhos como este entrem no campo da grande circulação.

Será mais um livro a entrar para o “index expurgatório” – mas todos sabem que só alcançam esse troféu os trabalhos fortes a realmente úteis ao reerguimento humano.

Todos aqueles que já se libertaram do jugo dos preconceitos e do dogma, e se revoltam contra as misérias que envolvem o nome de Jesus, sentir-se-ão satisfeitos com o aparecimento de mais uma obra que procura definir esse símbolo de uma revolução contínua e em marcha, que o desenrolar dos séculos cobriu de fanatismos, de torpezas e indignidades.

O perfil do grande libertário não pode continuar a serviço dos traficantes sectaristas que dele fazem um balcão, colocando-o na frente das suas casas de negócio.

Para nós, que há muitos anos nos afastamos do terreno sectarista, os evangelhos, como todos os chamados livros sagrados, só têm servido à humanidade para a embrutecer e escravizar.

A grande alma – que foi Jesus – não veio à terra para fraccionar os homens em seitas e partidos políticos e sim para esclarecê-los.

Não veio para disseminar ensinamentos que os homens lhe atribuem, e foram depois motivos para lançar os povos nas lutas mais estúpidas e desvairadas.

Não veio, como pensam erradamente muitos, derramar o seu sangue para com esse sacrifício salvar a humanidade, nem tão pouco tornar-se o símbolo da fraqueza, da humildade hipócrita e de toda a injustiça e iniquidade, como por aí afora todas as seitas o apresentam.

A vida daquele que alçou a sua voz nas planícies da Galiléa, e até hoje ecoa por toda a terra sem ser compreendida, urge ser encarada de maneira mais pura e mais consentânea com as realidades gerais.

É vexatório apresentá-lo como "curandeiro" fabricando milagres que aberram da ordem natural que tudo rege.

É iníquo desfigurá-lo a tal ponto que venha a servir de modelo e eixo, a sectarismos apaixonados. É ridículo querer colocá-lo no estandarte de religiões que sempre se puseram ao lado de todas as tiranias e de todos os opressores.

A personalidade grandiosa de Jesus paira muito acima dos anseios dos homens que dizem servi-lo e só têm espalhado a miséria, a perseguição, o fanatismo e o crime.

É torturante olhar para um passado ainda bem próximo de nós e ver que em nome daquele que era simples e fraternal se criaram ordens e purpurados vivendo no luxo e na fortuna, e durante vários séculos tenha fumegado a pira da hediondês, carbonizando criaturas como que fosse possível deter a Verdade ou engarrafar a própria luz.

Chega a ser cômico, se isto não significasse a tragédia do mundo moderno, que aquele que se diz seu representante infalível na terra tenha negado audiência no seu faustoso palácio, em Roma, à famélica figura de Gandhi porque "andava indecentemente vestido", com uma túnica à maneira de Jesus!

Falam bem alto os crimes da inquisição, as perseguições religiosas e todas as lutas anti-semitas da Espanha e do Portugal glorioso das descobertas, para mostrar quantos crimes se perpetraram em nome daquele que veio ensinar a amar a Verdade e não a mentira.

Cristo predicou como homem e ensinou às gerações que o ouviram o amor ao trabalho, à justiça, ao raciocínio, afirmando que a Verdade só é realizada por aqueles que se tornam livres.

Vieram depois os escravocratas e embrutecedores da humanidade e pregaram em seu nome que o trabalho é castigo divino, que a Deus nada é impossível, que é pecado mortal querer penetrar as coisas divinas, e que o raciocínio próprio é um crime.

Fizeram assim todos os exploradores que até hoje, como escárnio às consciências que realmente entendem Cristo e difundem os seus ensinamentos, procuram organizar a ignorância dos tímidos e escravizá-la às fantasias do inferno medieval.

Os criadores dos batismos, das missas, das excomunhões, da Semana Santa, do Natal, do Papai Noel e da transformação da hóstia em sangue pela fermentação microbiana, e depois apresentada como "milagre", têm grandes contas a ajustar com a humanidade.

É tudo isso que nos leva a afirmar que Cristo não podia ser católico, não podia ser sectarista, e nenhuma das religiões existentes tem em seu todo algo de cristão. Tiradas as aparências, encontra-se uma realidade trágica que assombra os espíritos mais afoitos.

Encontramos em todas as organizações grandes almas, é fato, que à maneira de Francisco Xavier, Francisco de Assis, Montalverne, Anchieta, Nóbrega e Vieira serviram a Jesus, sentiram a Vida Inteligente Universal, e por isso mesmo tiveram, embora surda e às ocultas, a perseguição das suas igrejas. Aquele que realiza a profunda significação da Vida Imortal, embora lhe chame "Deus" não para que ele sirva à consumação dos anseios de poder e vingança, e sim para servi-lo; não fazendo dele a palavra de passe, que brota dos lábios dos hipócritas, e o torna arauto das suas misérias inconfessáveis e o vanguardeiro de todas as iniquidades – esse serve à

Verdade e jamais pertencerá a sectarismos, porque já sabe que é parte do grande todo, que é a humanidade.

Compreender Jesus é realizar o mais alto significado da Vida; é erguer uma Pátria às proporções de uma grande família que dê ao mundo o exemplo da fraternidade, da paz e do trabalho; é estruturar o lar na verdadeira moral, tomando-o exemplo dos filhos, a não apenas o domicílio, onde o animal espraia os seus instintos e ainda fazer dos filhos almas valentes e dispostas, esclarecidas e convictas que na defesa da honra, da verdade e do dever, dão, se preciso for, a própria vida.

Uma moral que faz fanáticos, humildes e hipócritas, que impede o raciocínio próprio e transforma a existência num eterno peditório a "Deus" e aos "santos", é indigna de Jesus.

Moral cristã é aquela que faz almas valentes, confiantes em si mesmas, que se conhecem como partículas da Inteligência Universal e trabalham e produzem, procurando sempre servir à humanidade da qual fazem parte.

É um crime usar o nome de Cristo para transformar as fronteiras em barricadas. É um crime dividir os povos em seitas e fanatizá-los; obra realmente cristã não é enganar o povo, e sim esclarecê-lo.

Chamamos esclarecer: auxiliar a humanidade a pensar e não impedir-lhe o raciocínio para a escravizar.

* * *

Passemos uma cortina sobre o amontoado de erros e de crimes praticados em nome de Jesus. Olhemos a humanidade torturada e dividida em crenças e partidarismos políticos que se apresentam como "místicas" e atiram povos contra povos.

Feito isso, rapidamente concluiremos que tanto a fé como a força só males têm causado à humanidade, procurando arregimentá-la pela crença ou pela espada, tendo como fim a obtenção de volume humano a agir inconscientemente como um maquinismo escravizado.

Cristo, alma grandemente evoluída, não trouxe à terra nenhuma dessas limitações embrutecedoras que lhe atribuem. Seu fim foi elevar as criaturas à culminância do auto-entendimento, e não buscou organizá-las sob a infalibilidade de dogmas que impedem o raciocínio.

Impõe-se, diante da falência moral de todos os credos cuja prova, bem amarga, está no mundo caótico que geraram, estabelecer uma concepção exata do mundo, apoiada na realidade da Vida.

Ensinemos a todos que o céu e o inferno são fantasias que as gerações pagaram bem caro. Retiremos das criaturas a errada noção que coloca a existência entre o sacrifício e a recompensa futura, porque dessa forma só fazemos comerciantes.

Apresentemos a Vida na sua grandiosa beleza. Ensinemos que todos os atos encerram em si mesmos, como verdadeiros códigos, conseqüências inafastáveis. Façamos almas confiantes em si próprias para que deixem o ridículo papel de supor que alguém investido de formalidades litúrgicas é capaz de perdoá-las, para que não andem pela existência mendigando, através das preces, uma vida futura de estagnação e de gozo.

Essas fantasias, que tanto mal têm feito à humanidade, precisam desaparecer. É urgente que todas as almas se conheçam como partículas da Vida Inteligente Universal, em tudo manifestada, que saibam que o repouso estagnante no além é uma mentira, porque a Vida é por si imortal a não conhece repouso. Emergindo de uma forma para outra, ela se manifesta operando sempre no grandioso cenário do universo, buscando formas cada vez mais belas de espiritualização.

É necessário auxiliar a humanidade a compreender o grande conto do vigário que as religiões há tantos séculos lhe passaram.

No dia em que todos compreenderem que o trabalho é a maneira única de uma alma cooperar no engrandecimento da humanidade, acabarão as indústrias assassinas e a velha afirmativa de que "trabalhar é castigo" e próprio dos escravos.

Acabarão também os opressores e oprimidos, porque tais divisões não existirão numa organização sábia e cristãmente definida.

Ser cristão é conhecer-se realmente como Alma e como Matéria, mas sem as deturpações que as religiões fizeram para escravizar os ignorantes e melhor explorá-los. Ser Cristão é ser Luz Imortal, é ser Amor, é trabalhar pela humanidade.

FRANCISCO AYRES
(Médico)

INTRODUÇÃO

Apresentando este trabalho ao público, não nos move o intuito de uma exibição literária. É possível até que sob este aspecto – o filológico – haja falhas, porque preocupou-nos mais a idéia e sua exposição clara, do que a forma, rebuscando vocábulos e construindo frases difíceis.

Trata-se, porém, de filosofia e não de literatura; características que nem sempre andam juntas; constata-se, mesmo, que em geral o filósofo é péssimo literato, e o literato nem sempre é bom filósofo.

Portanto, leitor amigo, não acharás no que vais ler senão a análise, por vezes crua, e o estudo comparativo, sem preocupação de estilo.

Se ainda estás imbuído de preconceitos religiosos, se és místico, se achas que é uma blasfêmia ler, dizer ou escrever aquilo que se sente sobre assuntos religiosos e filosóficos, não leias este livro; fecha-o, porque ele não foi feito senão para os que já estejam verdadeiramente emancipados dessas injunções sectaristas, e desejem procurar os verdadeiros ensinamentos de Jesus perdidos ou adulterados no labirinto evangélico.

Aos críticos, que por acaso apareçam, deixo aqui um aviso antecipado: aceitarei sua contribuição para um estudo mais amplo do assunto, desde que se apresentem com elegância na arena da discussão, dentro da boa ética polemista, defendendo pontos de vista ou princípios, sem ataques pessoais ou apaixonados.

Aos que se apresentarem com essas qualidades que nobilitam darei as boas vindas, acolhendo-os de braços abertos para uma cooperação uniforme e eficiente, tanto nas colunas da imprensa como verbalmente.

Aos que não souberem manter essa atitude imparcial e serena, e vierem com intuídos outros que não sejam os do estudo desinteressado, responderei com a indiferença do silêncio, porque tenho mais com que me preocupar do que alimentar discussões estéreis em que apenas transpirem premeditados propósitos de obstrução à marcha de uma idéia.

Posto isto à guisa de exórdio e aviso prévio, se até aqui me acompanhaste nesta exposição preliminar, abre, leitor amigo, a cortina e entra comigo no cenário onde vão perpassar considerações que talvez já muita gente tenha feito intimamente, sem todavia ter tido a coragem de as expor em público, desassombradamente, por escrito ou oralmente, com receio de mexer em um monturo, ou de encarar de frente um estado mórbido generalizado que se poderia, com exatidão, qualificar de “evangelite crônica”.

E agora ... entremos diretamente no assunto.

O AUTOR

1. HISTÓRIA DOS EVANGELHOS E DA VULGATA LATINA

Suas origens *Noções gerais*

Os evangelhos denominam-se “canônicos” e “sinóticos”.

Canônicos são os quatro atribuídos a Mateus, Marcos, Lucas e João, e têm essa denominação porque foram, de acordo com o Concílio de Nicéia, no ano 325 da Era Cristã, considerados como tais, isto é, como base e pedra angular de toda a exegese religiosa do cristianismo, pois o próprio vocábulo “canônico” significa regra, lei ou modelo.

Esta classificação, que só se consolidou aí pelo ano 350, muito depois do Concílio que a determinara, abrange não só os quatro evangelhos, mas, ainda, os “Atos dos apóstolos”, o “Apocalipse”, cujo autor se supõe ter sido S . João, e as 21 epístolas dos apóstolos.

A idéia, porém, já não era nova nessa ocasião, porque Muratori refere-se a um velho catálogo latino, cuja origem coloca entre os anos 150 e 200 da Era Cristã, descoberto em Milão em 1672, no qual, além dos principais escritos de que atualmente se compõe o cânon, se incluía, também, um “Apocalipse”, atribuído a S . Pedro, que recentemente havia sido descoberto no Egito.

No entanto, cabe a Márcio, mais tarde considerado herético pela Igreja, a primazia da iniciativa porque, ainda antes do ano 154, havia ele organizado uma espécie de coleção religiosa em que figurava o evangelho de Lucas e as epístolas de Paulo Apóstolo.

“Sinóticos” são chamados apenas os de Mateus, Marcos e Lucas, visto que sua confecção é uma espécie de sinopse de fatos, autênticos ou não, embora sem ordem cronológica, sem concordância e até sem base nem fundamento de qualidade alguma.

E é em torno destes evangelhos que no decorrer dos tempos se tem formado seitas, que se hostilizam ainda hoje com um sentimento nada cristão; é tripudiando sobre eles que as religiões têm escravizado as consciências, tirando-lhes a liberdade de raciocinar, forçando interpretações de textos, e supondo ou fazendo supor que tenham sido ditas por Jesus coisas que na maioria dos casos nem por sua mente devem ter passado.

Por causa dos evangelhos e sua interpretação, têm corrido caudais de sangue e inflamado camadas espessas de rancor e ódio; por causa dos evangelhos e sua interpretação têm-se escrito bibliotecas inteiras, ao sabor de várias correntes ideológicas e religiosas que se combatem reciprocamente, ou obedecendo apenas ao intuito de análise e crítica.

Por causa dos evangelhos e sua interpretação, temos assistido ao aparecimento de inúmeros credos religiosos, que por sua vez se fragmentam e subdividem, arrogando-se cada uma das partes o direito exclusivo de estar com a verdade e com a razão.

Mas qual, então, a origem desses evangelhos que através dos tempos têm dado margem para tanta discórdia, desavença e luta? É o que vamos tentar esmiuçar, remontando tanto quanto possível a um passado longínquo.

Tradição oral

Não se pode saber com certeza absoluta a origem dos primeiros escritos evangélicos, que a princípio eram simples folhetos para uso das igrejas que se iam formando sob o influxo dos apóstolos, após a morte de Jesus; pode fazer-se um cálculo aproximado, porém sem a menor base histórica nem fundamento rigoroso que resista a qualquer análise e crítica imparcial.

Antes de mergulharmos nas sombras do passado, para vermos o que por lá vai a tal respeito, vejamos o que diz o Padre Loisy no seu trabalho intitulado “Algumas reflexões”,

quando se refere a esse mesmo assunto: “Falsifica-se inteiramente o caráter dos mais antigos testemunhos em relação à origem dos evangelhos, quando se pretende apresentá-los como certos, precisos, tradicionais e históricos; eles são, pelo contrário, hipotéticos, vagos, lendários e tendenciosos; nota-se que na ocasião em que se procurou opô-los ao surto das heresias gnósticas não havia sobre a sua origem mais do que informações vagas”.

Podemos, também, ir buscar a opinião insuspeita de um doutor da Igreja, Santo Agostinho, cujas palavras são ainda mais concludentes: “Ego vero Evangelio non crederem, nisi me catholicae Ecclesiae comoveret auctoritas – eu na verdade não acreditaria no evangelho se a tanto não me forcesse a autoridade da Igreja Católica”.

Como expressão de sinceridade, por parte de um doutor da Igreja, não se poderia desejar melhor.

É sabido que Jesus nada deixou escrito, e erram, portanto, clamorosamente aqueles que ainda hoje possuídos de um fanatismo exagerado e inconsciente bem como de um misticismo retrógrado, ou ainda de uma ignorância crassa, dizem e clamam beatificamente, em atitudes de êxtase, perante multidões mais ou menos expressivas pela sua significação numérica: “Os Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo”, e outros absurdos idênticos que, infelizmente, estão hoje tão generalizados. E quem sair ou divergir de seu modo de pensar é inexoravelmente tido como ateu, como herege, como louco ou como obsedado. Pobre de quem se apresentar com a coragem de lancetar esse tumor de fanatismo intolerante, porque aqueles mesmos que levam dia e noite mastigando a palavra “caridade” serão os primeiros a tentar apedrejá-lo.

Mas como não receamos as pedras dos cegos condutores de cegos, vamos prosseguir neste estudo.

Uma das conseqüências dos ensinamentos atribuídos a Jesus, e que os evangelhos sinóticos frisam bastante, foi a convicção arraigada que ficou nos apóstolos e discípulos de que ele voltaria mais tarde, cheio de glórias e poder, como que para tomar uma desforra de tudo o que o fizeram sofrer, bem como a seus discípulos.

Essa crença generalizou-se de tal forma que ainda hoje na teologia de Parthenio Minges se lê o seguinte: “in hac sua potestate regia olim habebit judicium universale”, ou seja, em bom português: “com todo este seu absoluto poder real um dia presidirá o juízo final”.

É a tal lenda do julgamento final no vale de Josafat, de que nossas boas avozinhas tanto falavam no tempo de nossa infância.

No próprio “Credo” lá encontramos também: “inde venturus est judicare vivos et mortuos – daí há de vir um dia julgar vivos e mortos”.

Pobres dos mortos, que já foram julgados há muito tempo pelas suas próprias consciências ao despertar no Além! E quanto aos vivos, parece que muitos deles já mandaram essa lenda às urtigas, ou então ... têm a melhor das esperanças em corromper os juizes na ocasião do julgamento no vale de Josafat.

Ora, se neste século ainda há quem acredite em tal coisa, e quem a divulgue com a maior desfaçatez, impondo-a como artigo e ponto de fé, avalie-se o que seria naqueles tempos apostólicos, por parte de almas simples e de uma fé exaltada!

Dentro dessa convicção, que ficou logo após a morte de Jesus, ou do seu desaparecimento, tendo-se como acerto o regresso próximo – parúsia – ninguém se preocupou em escrever fosse o que fosse; e para quê, se predominava a certeza de que tudo iria acabar breve com o regresso do Mestre?

Os apóstolos foram difundindo a doutrina de Cristo, ou a ele atribuída, servindo-se para isso da tradição oral; seus adeptos foram procedendo da mesma forma por toda a parte, e chegou-se rapidamente a criar uma lenda tão complexa, adulterada e afastada dos fatos primários, que não era mais possível restaurar a verdade histórica.

Era apenas a imaginação exaltada que trabalhava e forjava as narrativas, e disso resultava que cada dia que surgia via aparecer novos suplementos biográficos, hipóteses ou lendas. Bastava que uma idéia nova, tendência ou ponto doutrinário aparecesse, para ter-se como certo que Jesus a tivesse preconizado e isso ia aumentar mais ainda a lenda e tradição oral, o que levou o crítico alemão Schwegeler a dizer com muito acerto: “retocavam-se as lendas biográficas extraindo-lhes o que já parecia velho, para substituir por coisas mais de acordo com a época e o lugar”

E era nesse ambiente que se ia divulgando a doutrina de Jesus, na expectativa da parúsia, o breve regresso, cheio de fé, esplendor e glória.

Ninguém se preocupava em escrever para deixar alguma coisa à posteridade porque ninguém acreditava que o mundo continuasse existindo depois do regresso do Mestre, esperando-se o fim de tudo numa época próxima, como se depreende por exemplo de Mateus, capítulo 16, versículo 28, em que não se hesita em atribuir a Jesus essa afirmativa da próxima vinda.

Basta ler-se a primeira epístola de Paulo aos tessalonicenses, capítulo 5, para verificar como essas idéias exaltadas estavam generalizadas, leitura que aconselhamos a fazer, a título de curiosidade.

A segunda vinda não se deu, e na realidade estão desmentidas as promessas de Jesus e as afirmativas de Paulo.

No entanto, ainda não se aperceberam os adeptos do evangelho que até Jesus já passou por mentiroso, pois havia dito em linguagem muito clara que alguns dos que então viviam não veriam a morte sem que sua volta se desse. A geração que então lhe era contemporânea, e muitas outras que lhe sucederam, desapareceram da face da terra e ele não veio, como prometera.

Surgem os primeiros escritos.

Aos poucos foram mergulhando no vale da morte aqueles que tinham sido testemunhas oculares da vida de Jesus, desvanecendo-se, desta forma, a esperança do seu regresso. Tomou corpo, então, a idéia de escrever-se alguma coisa sobre ele, tendo por base, como fica dito acima, apenas aquilo que circulava de boca em boca com aparências de possível verdade.

Onde quer que existisse um núcleo dos convertidos à nova crença escreveu-se muito, porém, sempre ao sabor das correntes teológicas que já então se formavam e se combatiam ferozmente, cada uma pretendendo estar com a verdade absoluta e indubitável.

E disso resultou que dentro de pouco tempo podiam contar-se por centenas, segundo o depoimento de S. Jerônimo, os evangelhos em circulação, cada um mais disparatado que os outros, onde a confusão e as contradições pululavam livremente. Um dia veio em que se constatou não ser mais possível levantar uma biografia fidedigna de Jesus, visto que os escritos que existiam, todos cheios de interpolações e afirmativas graciosas, eram mais apologias do que narrativas, defeito aliás de que mais tarde vieram a ressentir-se os “canônicos”.

Entre os evangelhos existentes eram mais conceituados um atribuído a autor anônimo, denominado “Evangelho dos Hebreus”, outro, conhecido por ‘Evangelho da Infância’, além de muitíssimos outros. Os que, apesar de tudo eram mais acatados, eram os de Mateus, Marcos, Lucas e João, cujas origens prováveis vamos estudar separadamente mergulhando tanto quanto possível nesse passado confuso e cheio de incertezas.

Mateus

Segundo a tradição, Mateus, ou Levi, era um publicano, coletor de impostos, quando se reuniu a Jesus. É por essa crença geral que, na ordem dos sinóticos, se coloca o evangelho a ele atribuído em primeiro lugar, e por causa de uns apontamentos (logia) cuja autoria também se lhe atribui, nos quais se teria ele baseado ao escrever mais tarde o seu trabalho evangélico.

A ser fundamentada essa hipótese, é incontestável que o evangelho de Mateus teria um valor extraordinário, pois tratar-se-ia de uma testemunha ocular dos fatos narrados. Isto, porém, não passa de hipótese graciosa e sem fundamento histórico comprovado, pois se Mateus Evangelista tivesse sido o mesmo que fora discípulo de Jesus, e autor portanto dos tais “logia”, ou apontamentos, isso seria um caso universalmente sabido e afirmado, o que na verdade não se dá.

Papias refere-se aos tais “logia”, mas sem dizer quem os fizera, nem onde foram feitos.

O indício, porém, mais seguro de que Mateus discípulo de Jesus não é o mesmo que escreveu, ou se supõe tenha escrito este evangelho, está no capítulo 9, versículo 9, onde se lê: “E passando Jesus dali, viu um homem que estava sentado no telônio (posto de cobrança de impostos), chamado Mateus, e lhe disse: segue-me. E levantando-se, ele o seguiu”.

Ora, isto além de ser infantil, porque ninguém largaria suas ocupações para seguir, dessa forma e por tal imposição, qualquer desconhecido, é também uma prova de que o autor do evangelho fala de outra pessoa. Se falasse de si mesmo empregaria os verbos de outra forma, dizendo por exemplo: “viu-me sentado no telônio”, “disse-me”, “levantando-me” e “seguio”.

Isto seria compreensível. Como está, é uma tremenda embaralhada que prova à evidência tratar-se de outra pessoa e não dele mesmo.

S. Justino, por sua vez, fala das memórias dos apóstolos, mas as citações que faz discordam profundamente dos evangelhos hoje conhecidos e dos próprios “logia”, o que também concorre extraordinariamente para jogar por terra a hipótese de que tenham sido a mesma pessoa o autor dos “logia” e do evangelho atribuído a Mateus.

Ficamos, portanto, no domínio das conjecturas sobre a identidade do autor desses dois escritos, o mesmo acontecendo em relação à data em que tenham sido feitos, pois depara-se-nos uma dúvida que enfraquece a pretensa primazia deste evangelho sobre os demais. Vejamos. Mateus, no seu versículo 18, capítulo 16, relata, uma passagem digna de atenção, dizendo que quando Pedro confessara que Jesus era Cristo, filho de Deus vivo, este instituíra sobre ele a Igreja nascente dizendo: “quia tu es Petrus et super hanc petram edificabo Ecclesiam meam – tu és Pedro e sobre essa pedra edificarei minha igreja”. Ora, tendo sido Marcos secretário de Pedro, seu discípulo e amigo particular, estranha-se que, se desse acontecimento tivesse tido conhecimento, em seu evangelho não fizesse a menor referência a ele, por pequena que fosse, e dada a importância ao assunto, visto que esse fato a ser verdadeiro muito concorreria para elevar o apóstolo Pedro entre os demais adeptos de Cristo.

Mas, bem longe de fazer referência a essa tal primazia mencionada por Mateus, Marcos diz que em tal ocasião Jesus usara de expressões ásperas que adiante mencionaremos também.

O que se depreende daí é que ou o evangelho de Marcos é anterior ao de Mateus, como também pretendem muitos comentadores, ou que no deste último se tenha feito mais tarde essa interpolação para justificar a instituição do papado e seu predomínio, tendo-se deixado por descuido de a fazer em Marcos tirando-lhe as expressões violentas que ele contém atribuídas a Jesus em tal ocasião.

Fica-se, por isso, na incerteza sobre qual dos dois seja o mais antigo.

Examinando-se vários versículos do capítulo 24 de Mateus, nota-se uma espécie de predição da ruína de Jerusalém seguida da volta imediata de Jesus, crença que estava em vigor ainda.

Ora, como a queda da cidade santa se deu no ano 70 da Era Cristã, o evangelho de Mateus deve ter sido escrito mais ou menos por essa época, sendo no entanto impossível precisar com rigor o ano.

Supõe-se ter sido escrito em aramaico.

Marcos

A análise do evangelho atribuído a Marcos, em relação a sua origem e autor verdadeiro, é um problema de difícil solução.

Afirmam alguns críticos que Marcos fora o secretário de Pedro, ao qual seguira a Roma, devendo-se-lhe, também, a fundação da Igreja de Alexandria.

Durante muito tempo, também se pensou que era a ele que se aplicavam os versículos 50 e 51, do capítulo 14, de seu evangelho, onde se relata o caso de um jovem que seguindo Jesus na ocasião da prisão, apenas coberto por um lençol, ao ser preso largou essa simples e deficiente indumentária nas mãos de quem o prendera, fugindo inteiramente nu.

Se isso fosse verdade, seríamos levados a crer que o evangelho de Marcos era de um incalculável valor como depoimento em face da história dos acontecimentos relacionados com a prisão e morte de Jesus. Mas um dia, a bisbilhotice dos críticos e analistas verificou que essa passagem era apenas um plágio de outra idêntica que se encontra no capítulo 2, versículo 16, de Amós, do Velho Testamento.

E desabou mais uma vez o castelo de hipóteses levantadas sobre a autenticidade do evangelho atribuído a Marcos.

E como se isso não fosse suficiente, foi levado em consideração o fato de nesse evangelho não se achar referência alguma à primazia que Jesus teria dado a Pedro, como ponderamos ao tratar do evangelho de Mateus. Se o Marcos desse evangelho fosse o mesmo que tinha sido secretário e amigo íntimo de Pedro, não deixaria de relatar em cores vivas um fato que tanto realce e destaque dava ao apóstolo Pedro. Ou se trata aqui de um outro suposto Marcos, ou então, – se os dois são uma só pessoa – chega-se à conclusão de que o evangelista não era um amigo sincero daquele de quem tinha sido secretário. Ou então ... o fato não se deu, e o trabalho de Mateus está visivelmente adulterado, o que é mais provável como a pouco acentuamos.

Note-se aqui o contraste formidável: em Mateus é conferida a Pedro uma extraordinária honraria; em Marcos diz-se no capítulo 8, versículo 33, que Jesus chamara o pobre Simão Pedro de Satanás só porque este o qualificara de Filho de Deus Vivo!

Há, porém, outros indícios de que o autor é outra personagem, e esses indícios vamos encontrá-los em Papias, bispo de Hierápolis, aí pelo ano 120 da Era cristã. Escreveu esse príncipe da Igreja: “Dizia um dos antigos que Marcos, intérprete de Pedro, escreveu cuidadosamente tudo aquilo de que se recordava; não escreveu, porém, com ordem tudo quanto fora feito ou dito por Jesus, porque não havia sido seu discípulo nem tampouco o seguiu. No entanto, mais tarde foi discípulo de Pedro, que ministrava a pregação segundo as necessidades, sem se preocupar com a ordem dos fatos, e por isso Marcos não cometeu falha alguma escrevendo aquilo que tinha de memória, por ouvi-lo de Pedro, mesmo com falhas e soluções de continuidade, porque o seu empenho maior era nada omitir daquilo que tinha escutado”.

Refletindo bem, conclui-se que esta passagem de Papias prova só por si que o Marcos acima referido não é a mesma pessoa que redigiu o evangelho que lhe tem o nome, porque,

ao menos no que presentemente se conhece, não existem as falhas acima apontadas, nem falta de ordem.

A não ser assim, temos que admitir que o primitivo evangelho de Marcos foi sensivelmente retocado e adulterado perdendo, desta forma, também o valor histórico que se lhe pretendesse dar. É muito provável que isso se tenha dado, pois o seu final, capítulo 16, versículos de 9 a 20, constitui um acréscimo que não consta nos manuscritos antigos, como acentua Salomon Reinach.

Quanto à sua data, supõe-se que a redação teria sido feita em grego entre os anos 60 e 70 da Era Cristã, porque admite-se que Mateus tenha plagiado dele muitas coisas, como adiante constataremos.

Lucas

A tradição diz-nos que Lucas fora um médico de Antioquia, convertido por Paulo Apóstolo de quem se fizera companheiro inseparável.

Na realidade, o estilo deste evangelista, que também deve ter escrito em grego, é mais puro e mais fácil que o dos precedentes.

Logo de início, verifica-se que ele conhecia ou os evangelhos de Mateus e Marcos, ou outros apócrifos que deviam existir em grande quantidade na sua época, porque emprega o termo “muitos” ao justificar a iniciativa que tomava de escrever também o seu trabalho congênere para um tal Teófilo, que ao certo não se sabe quem tenha sido. Diz o evangelista que já “muitos” escreveram sobre o assunto, o que o levava portanto a fazer o mesmo, para melhor orientação do referido Teófilo.

Não está bem claro o pensamento do autor; seria o espírito de emulação e concorrência que o estimulava a escrever também, ou não acreditaria ele no que então havia em circulação sobre o assunto? Parece mais provável que ele não acreditasse no que já existia, porque dá a entender que deseja restabelecer a verdade para um conhecimento perfeito e real do Teófilo a quem se dirigia.

Lucas é, portanto, um redator que tem à vista diversos depoimentos escritos, sejam eles quais forem, o que nos leva a admitir uma data bem posterior a Mateus e Marcos.

Não se pode, porém, em boa fé afirmar que ele conhecesse estes evangelistas, pois deixa de fazer referências a muitos fatos mencionados por eles.

Há ainda outra prova de que ele não conhecia, ou não seguia o trabalho de Mateus; é a genealogia que ele traça de Jesus, inteiramente diferente da daquele evangelista.

Podemos, porém, afirmar que o que hoje conhecemos como evangelho de Lucas já não é o trabalho primitivo, porque aí pelo ano 150 da Era Cristã Márcio foi acusado pelos padres da Igreja Tertuliano e Epifânio de haver mutilado o texto de Lucas, indicando até os trechos subtraídos.

Sabemos, por conseguinte, que já naquela época se adulteravam os textos, o que nos leva à conclusão de que aquilo que hoje conhecemos pode estar muitíssimo longe da verdade original com a qual poucos pontos de contato terá.

A data deste evangelho deve ser colocada entre os anos 80 e 100 da Era Cristã, a julgar pelas considerações acima e pelo conteúdo do versículo 9 do capítulo 21, onde Jesus teria dito que o fim não seria logo após a grande catástrofe da nação judaica.

Quarto Evangelho

O autor do quarto evangelho nunca esteve, não está e talvez nunca venha a estar bem definido. Há quem pretenda ser aquele apóstolo a quem Jesus do alto da cruz recomendara e confiara Maria sua mãe o que, a ser verdade, daria grande valor ao quarto evangelho.

Contra essa hipótese insurgem-se, porém, algumas passagens desse mesmo evangelho, como vamos ver.

No capítulo 19, versículo 35, o redator diz “aquele, porém, que o viu deu testemunho disso, e o seu testemunho é verdadeiro. E ele sabe que diz a verdade, para que vós também o creiais”.

Logo, o autor aqui fala de outra pessoa que teria sido a testemunha ocular. Não é, portanto, o discípulo que acompanhou Jesus ao Calvário quem escreve.

No fim do mesmo evangelho se encontra outra passagem que confirma a mesma suposição. Trata-se, aliás, de uma adição antiga ao texto primitivo constituída por todo o capítulo 21, que não se acha nos originais antigos.

No versículo 24 desse capítulo lê-se: “este é aquele discípulo que dá testemunho destas coisas, e que escreveu; e nós sabemos que é verdadeiro o seu testemunho”.

Temos aqui outra prova de que o autor é um, e a personagem referida é outra, possivelmente a que é conhecida pelo qualificativo de discípulo amado.

O que é mais ou menos admitido como certo é que o quarto evangelho tenha sido escrito em Éfeso, ou em Patmos, no princípio do século segundo, se o seu autor tiver sido o do Apocalipse, do que todavia não há muita certeza.

Foi, portanto, redigido muito depois dos acontecimentos que relata e muito longe do lugar onde eles se deram. Isso vem justificar de certa forma o seu caráter inteiramente diferente dos outros, denotando ter sofrido influência de um meio e de ideais sensivelmente diversos dos anteriores conhecidos como “sinóticos.

A Vulgata Latina

No exposto anteriormente, fizemos o histórico dos quatro principais evangelhos que eram os mais acatados nos primeiros tempos da Era Cristã, embora não se lhes conhecesse os verdadeiros autores.

Outros escritos fragmentários existiam também, entre os quais o “Evangelho dos Ebionitas”, o “Evangelho dos Hebreus”, o “Evangelho da Infância”, e centenas de outros, que seria fastidioso enumerar.

No meio do pandemônio imenso formado por tantos escritos sobre o mesmo assunto, profundamente contraditórios entre si, estava perdido o sentido primitivo das pregações ou ensinamentos atribuídos a Jesus.

Esses evangelhos, feitos quase ao soar a hora da agonia do mundo judaico, ressentiam-se das paixões dominantes e das discussões estéreis, com uma pronunciada influência dos preconceitos da época e da perturbação dos espíritos.

Traçar através deles o perfil de Cristo, ou esboçar-lhe a biografia era já impossível. Era um amontoado de destroços, onde seria impossível encontrar um pequeno objeto de valor.

Foi então que, sob o pontificado de Damaso, nos fins do século terceiro, se deu a incumbência a um dos mais acatados doutores da Igreja, S. Jerônimo, de fazer uma revisão no Velho Testamento e nos muitos escritos evangélicos, fazendo destes um resumo que viesse a servir de padrão e artigo de fé para a cristandade e para as gerações futuras.

S. Jerônimo mete ombros à empreitada, longe de supor o tremedal imenso de incoerências e contradições com que iria deparar, mas, logo de início, constata a realidade da situação, dizendo com a maior franqueza, e talvez com o maior desespero: “tot sunt enim exemplaria quot codices – são tantos os exemplares quanto as cópias existentes”, o que quer dizer que não haveria possivelmente dois exemplares idênticos.

E, assustado pela responsabilidade do trabalho que teria de realizar, pois seria obrigado a retoques e alterações profundas, dirigiu-se ao papa, optando pelos quatro que

ainda hoje são conhecidos, depois de os “corrigir no que parecia alterar o sentido”, como ele mesmo confessa.

Temos, então, aqui a confissão por escrito do próprio São Jerônimo de que os originais por ele vistos foram alterados e “corrigidos” naquilo que parecia alterar o sentido. Qual sentido?

Depois disto haverá ainda quem pretenda sustentar a autenticidade histórica dos evangelhos?

Aí está o que é a Vulgata Latina, trabalho em que nem S. Jerônimo, seu codificador, acreditava, como se depreende destas palavras que também são dele: “a verdade não poderia existir em coisas que divergem”.

E deste trabalho de S. Jerônimo é que se têm feito milhares de traduções durante quase dois séculos, ao sabor de correntes teológicas, especialmente do catolicismo e do protestantismo. Em cada uma dessas versões da Vulgata, cada tradutor imprime o caráter sectarista que adota, sem se preocupar muito com aquilo que pode ter sido o sentir e pensar do referido Doutor da Igreja, que por sua vez tinha já feito o mesmo em relação a escritos mais antigos que examinou.

Ora, se os velhos originais já eram contraditórios, se S. Jerônimo também os “corrigiu”, se cada tradutor faz predominar as suas próprias idéias, que valor histórico poderemos dar hoje às traduções que por aí circulam?

Quanta ignorância revelam aqueles que tão fanaticamente falam hoje dos evangelhos, de olhos em branco e de braços cruzados sobre o peito!

2. CARACTERÍSTICAS DOS QUATRO EVANGELHOS

Discordâncias e aberrações

Vimos, até agora, a origem provável dos quatro evangelhos. Da minuciosa análise que fizemos resultou a convicção de que nada, absolutamente nada, há que se possa ter como certo e definido, perdemo-nos apenas no terreno das conjecturas e hipóteses, o que é estranhável tratando-se de escritos de que se pretende fazer a base de uma exegese religiosa, e a biografia do fundador de um credo.

Nos primeiro séculos do cristianismo, época em que as inteligências não eram talvez tão desenvolvidas ou perscrutadoras como hoje, os próceres do movimento religioso não se aperceberam de que estavam deixando lacunas impossíveis de preencher mais tarde, como gigantescos castelos construídos em areias movediças; ou, então, supunham que as gerações futuras nunca viessem a ter a faculdade de raciocinar livremente.

Contentaram-se, por isso, com simples arranjos teológicos suficientes para os seus contemporâneos, mas, incapazes de satisfazer os espírito de curiosa e minuciosa análise e crítica dos tempos presentes, em que ninguém mais se contenta com o que tem à vista, querendo saber a origem de tudo para avaliar o seu justo valor.

Naquele tempo remoto, o fanatismo religioso admitia como sublimes verdades coisas que hoje está evidenciado serem os maiores absurdos; hoje nem as imposições dogmáticas impedem a criatura de vasculhar e examinar tudo, na ânsia de tudo conhecer e aprofundar.

Foi por assim terem procedido e pensado os antigos que chegou até nossos dias esse emaranhado de citações tão confusas e incertas, às quais tão enfática e supersticiosamente se chama “Os Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

São simples apologias, mais ou menos disparatas pelo exagero que as caracteriza; no aspecto histórico tudo é falho, incerto, contraditório, e por vezes até imoral como adiante veremos.

Vamos, agora, estudar aqui as características predominantes nos quatro evangelhos canônicos, principiando pelo último, que se atribui a João.

O quarto evangelho

De uma forma geral, pode dizer-se que os três sinóticos têm alguns pontos comuns, onde realmente se pode achar um certo contato e analogia, embora vagamente.

O quarto evangelho, porém, apresenta-se com um fundo inteiramente diferente, rebelde a qualquer análise que se lhe pretenda fazer, tendo até alguns críticos atribuído a sua autoria a um tal Presbítero João, que muitos também supõem ter sido o autor do Apocalipse e das epístolas joânicas.

É obra mais de judeu helenisante que seguia a escola de Alexandria adotando teorias neoplatônicas que sobressaem de princípio a fim. Com razão o Padre Loisy na sua obra “Autour d'un Petit Livre” lavrou esta sentença formidável que se tornou celebre em seu tempo: “as narrativas de João não constituem história pura; são, antes, meditações em torno do mistério da salvação”.

Efetivamente, o Jesus que o quarto evangelho esboça é uma abstração, o verbo feito carne, um desmembramento da divindade, de acordo com a doutrina de Philon de Alexandria: “qui cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se aequalem Deo, sed semetipsum exinanivit formam servi açãoipiens in similitudinem hominum factus et habitu inventus ut homo – o qual estando integrado em Deus não foi julgada exagerada a sua igualdade a Deus, mas humilhou-se a si mesmo assumindo a forma de um homem, encarnando-se como homem”.

E foi nessa premissa teológica que a Igreja decretou mais tarde, num arrojo de absurdo e temeridade: “Jesus Christus est ergo Deus et homo – Jesus Cristo é, portanto, Deus e homem”, como sustenta a teologia dogmática especial.

No evangelho atribuído a João não se encontra a lenda da concepção milagrosa de Maria, introduzida na tradição muito mais tarde, quando se pretendia dar a Jesus uma origem divina. E isso deve ter produzido tanta confusão por esse tempo que não constataram os doutores da Igreja que em Mateus e Lucas ficaram duas genealogias completamente diferentes uma da outra. Ficou assim um tremendo abismo cavado entre os quatro evangelhos, profundamente incompatibilizados entre si, mas a Igreja optou pela teoria do quarto, que ainda segue.

Outra circunstância interessante digna de ser levada em consideração é que a idéia messiânica nos três sinóticos apresenta-se mal delineada, como que a medo, tateando, firmando-se apenas quase no final da vida de Jesus; no quarto, porém, logo de princípio ela se apresenta firme, arraigada, concreta e definida.

Nos sinóticos, Jesus anuncia como acontecimento próximo o advento de um novo estado de coisas, possivelmente uma transformação social que melhorasse a situação dos judeus oprimidos, ou então aquele que ele chamava o “reino de Deus”.

No quarto ele já se chama francamente o Messias, o enviado, o “homem” que viria implantar um novo sistema social e religioso. E é por isso que, sem exagero, podemos dizer que nele existem bem pronunciadas as influências do neoplatonismo, que longe de apresentar um Jesus humano e compreensível, com todos os defeitos, fraquezas e grandezas da espécie humana, esboça-nos uma espécie de mito, símbolo ou fantasmagoria em que nada existe de real. É o verbo feito carne.

Mas o que era o Verbo antes de fazer-se carne?

Aí está o vestígio daquele que mais tarde foi denominado o dogma da SS. Trindade, e que ainda hoje desafia a compreensão humana.

Mas como é proibido compreender-se um dogma ...

O sinóticos

Já dissemos que sinóticos são os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. Estes têm uma característica diametralmente oposta à do evangelho de João. Apresentam-nos um Jesus profundamente judeu e intransigente como veremos na seqüência desta apreciação.

Ao contrário do que se constata no quarto evangelho, o Jesus dos sinóticos não permite que o chamem Messias, nem Filho de Deus, nem Bom Mestre, até a véspera de sua morte, tendo até ameaçado Pedro de havê-lo tratado como Filho de Deus vivo.

Ele se confessa, portanto, um judeu como qualquer outro, embora possuído de idéias todas pessoais, mostrando até certo apoio ao poder e autoridades constituídas, pois manda dar a César o que é de César. Em certa ocasião chega mesmo a mandar Pedro pescar um peixe em cuja boca deve vir uma moeda para pagar o imposto das duas dracmas (Mateus, 17, versículo 26).

Bons tempos aqueles em que os peixes traziam dinheiro na boca!

Como qualquer outro judeu, sente as agruras do povo seu contemporâneo e pouco a pouco, sob a influência do ambiente em que vivia, vai-se deixando possuir da idéia de libertá-lo do jugo estrangeiro, sem todavia, por prudência, tomar atitudes claras e francamente renovadoras ou libertadoras.

Não oculta um sentimento feroz e profundamente israelita, como se constata, por exemplo, no caso da mulher sírio-fenícia que lhe pedira humildemente que expulsasse os demônios que lhe atormentaram a filha. Veja-se a afrontosa resposta dada a essa pobre mulher cujo único crime era o de não professar a religião judaica, segundo o capítulo 7, versículo 27, do evangelho de Marcos: “deixa que primeiro sejam fartos os filhos (os judeus), porque não é justo tomar o pão dos filhos e dá-lo aos cães”.

Parece que o “pão” de que teria falado Jesus segundo o evangelista, era pouco, e havia o receio de que dando-o a outros não viesse a chegar para os judeus. Que santo egoísmo!

Compare-se essa resposta com o doce colóquio que ele tivera com a mulher samaritana, segundo o quarto evangelho, mulher também pertencente a outra religião, e ver-se-á que contraste entre os dois Jesus evangélicos.

Qualificar de “cães” aos que pertenciam a outra religião já era por si só profundamente revoltante, mas deixar de atender à humilde súplica de uma pobre mulher fenícia que lhe solicitava socorro para a filha e dar-se-lhe ainda tão ultrajante resposta, isso é simplesmente clamoroso! É intolerância! É mentalidade feroz! Edificante Jesus esse que nos apresentam os evangelhos!

O confronto destas duas passagens chega para demonstrar o caráter predominante nos sinóticos e no quarto, podendo-se ainda acrescentar a isto a proibição de que os apóstolos pregarem nas cidades samaritanas, como se vê em Mateus, capítulo 10, versículo 5.

Não queremos, por isso mesmo, encerrar este capítulo sem dizer, em face do caso da mulher sírio-fenícia, não ser mais para admirar a série enorme de violências inauditas e inconcebíveis que a Igreja praticou, em época que não vai muito longe, em relação aos desgraçados que não liam por sua cartilha, durante o período inquisitorial, nódoa que jamais se apagará das páginas de sua torva história, tão negrejada e cheia de tortuosidades.

No entanto, a Igreja adotou o evangelho neopagão, onde existe um princípio mais liberal, apesar das asperezas que também por lá se encontram, saltitando de quando em quando.

Para afirmar o seu poderio, não hesitou em mandar exércitos inteiros levar nas pontas das lanças a imposição de seu credo à chamada terra de infiéis. Mas não há o que estranhar. Estava seguindo a doutrina da história da mulher sírio-fenícia que foi invocada para justificar tanta crueldade.

É, ainda, a tremenda aberração doutrinária que predomina e que se lê em Mateus 12, versículo 30: “o que não é comigo, é contra mim.”

Chega a ser incrível que se atribua a Jesus semelhantes pontos de vista. Mais incrível, porém, é existir alguém nos dias de hoje que ainda pretenda chamar sagrados esses livros em que se divulgam tais disparates. “Salgados” é que eles são ...

Acabamos de ver as características predominantes nos evangelhos. Vamos ver e analisar sob outro aspecto esses tais livros ... “salgados”.

Aberrações, discordâncias, falhas e contradições

Nos evangelhos tudo se pode demonstrar, até os maiores disparates.

Quem pretender, por exemplo, apresentar Jesus como um feroz egoísta, pode invocar o caso da mulher sírio-fenícia, ou ainda o versículo 30, do capítulo 12, de Mateus, onde ele exigiria uma solidariedade absoluta e incondicional, considerando inimigo quem não fosse por ele.

No entanto, em Lucas 6, versículo 27, encontramos: “amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm ódio”.

Aí está uma doutrina diametralmente oposta. É uma faca que corta para os dois lados, ou uma pedra de dominó que diz nos dois extremos.

Dentro dos evangelhos pode provar-se, também, que Jesus era indulgente por vezes em relação à má conduta sexual.

Não se espante o leitor. São os próprios livros “salgados” que nos levam a essa conclusão: veja-se, por exemplo, João, capítulo 4, versículo 18; Lucas, capítulo 7, versículos 39 e 48; ou ainda, João, capítulo 8, versículo 11.

Todavia (oh ironia dos contrastes!) dentro também dos evangelhos vamos encontrar um ponto de vista em que o mesmo Jesus parece considerar a mulher um perigo social ou religioso,

pois chega ao cúmulo de dizer que (horribile dictu!) O MELHOR PROCESSO PARA O HOMEM GANHAR O REINO DOS CÉUS É CASTRAR-SE!!!

Isto chega a ser fantástico, mas lá está em Mateus, capítulo 19, versículo 12: “Sunt eunuchi, qui seipsos castraverunt propter regnum coelorum – há eunucos que se castram por causa do reino dos Céus”.

E essa mesma teoria é partilhada por Paulo Apóstolo nas suas epístolas, especialmente na primeira aos Coríntios, capítulo 7, versículo 32. Essa doutrina tão bizarra ainda é mais clara em Mateus, capítulo 19, versículo 29, pois faz mil promessas a quem tudo deixar por ele, inclusive mulher e filhos.

Nestas passagens evangélicas foi que se baseou mais tarde a Igreja ao adotar o celibato para o clero. Adotou o celibato, é certo, mas deixou à margem o aconselhado no tal capítulo 19 de Mateus, por que o achou, talvez, radical demais. Foi pena ...

Passemos a outro aspecto da doutrina atribuída a Jesus.

Vamos encontrá-lo, agora, como um autêntico revolucionário no versículo 49 e seguintes do capítulo 12, de Lucas, onde ele se apresenta como um demolidor, elemento de discórdia no seio da família, dizendo ter vindo à Terra para trazer o fogo, e que seu prazer será vê-lo inflamado.

Convenhamos que este aspecto sob o qual nos é aqui apresentado Jesus não está muito de acordo com essa mentalidade untuosa de nossos dias em que ele é chamado, muito melodiosamente, “meigo nazareno”, “cordeiro de Deus” e outras expressões equivalentes. Pena é que não se lembrem esses que tais do chicote com que dizem ter ele afugentado os vendilhões do templo, se é que isso tem visos de verdade. Veriam se ele seria meigo, e cordeiro.

É um temperamento tão belicoso e irrequieto que nem os laços de família respeita, sentindo prazer em ver a derrocada final.

É forçoso, aliás, reconhecer que os evangelhos timbram em delinear-nos um Jesus um tanto indiferente à sua própria família, usando de rispidez com sua própria mãe, para a qual não há menção de ter algum dia usado uma expressão de carinho, como teve, por exemplo, com a Madalena.

Podem os adeptos sistemáticos dos evangélicos escritos espernear, torcer ou forçar o sentido das palavras, mas não conseguirão nunca apagar o que lá está escrito.

É claro que não acreditamos nem por hipótese no que está por lá mencionado, porque julgamos o Cristo de outrora superior espiritualmente ao judeu rancoroso que nos apresentam os evangelhos. E é por isso que combatemos e combateremos, verbalmente e por escrito, o apego sistemático a esses velhos e perniciosos amontoados de incongruência.

Mas continuemos de bisturi em punho.

A moralidade atribuída à pregação de Jesus às vezes também assume as aparências de um interesse material, porque após um conselho vem sempre a promessa de uma recompensa futura, como se constata, por exemplo, em Lucas 1, versículo 14, ou Mateus 6, versículos 1 e 6.

Por esta razão é que o apóstolo Pedro, muito naturalmente, procurou saber qual seria a recompensa daqueles que tudo haviam deixado para o seguir. E veja-se que Jesus não só não desfaz essa mentalidade de interesse mesquinho, mas ainda lhe dá estímulo, pois promete, com toda a solenidade, que um dia eles se sentariam em doze tronos a julgar as doze tribos de Israel, o que está em Lucas, capítulo 22, versículo 30.

Em oposição a este ponto de vista, vamos encontrar em Marcos 10, versículos 43 e 44, uma doutrina preconizando a humildade.

Vá lá alguém tentar compreender o sentido dos evangelhos em face de pontos de vista tão antagônicos. Mas, o que é fato é que o lugar de juízes das doze tribos de Israel prometido aos apóstolos falhou. O que parece ter conseguido qualquer coisa, segunda a lenda, foi Pedro, porque consta ter-lhe sido confiado o cargo de chaveiro do Céu. Já é alguma coisa.

Continuemos.

Lucas, capítulo 22, versículo 36, atribui a Jesus estas palavras: “quem tem bolsa tome-a e também o alforje; quem a não tem venda a túnica e compre espada”.

Isto é digno de alguns comentários.

Espada para quê? Qual a necessidade tão imperiosa dessas espadas, para chegar-se ao ponto de ser preciso vender peças de vestuário para, com o produto da venda, comprá-las como coisa indispensável? Pensaria Jesus em alguma rebelião? Isso não deixa de ser uma hipótese disparatada.

No entanto, no versículo 38 do mesmo capítulo, ele teria dito que duas espadas chegavam, como realmente lá está escrito. Pensaria ele em reagir contra a prisão que já pressentia próxima? É outra hipótese infantil, pois a prisão seria feita por soldados e a eles não iria Jesus resistir com duas espadas.

A única suposição admissível, todavia absurda também, é que já soubesse Jesus que, no ato da prisão, iria dar-se o caso da orelha de Malco, para o que mandava Pedro prevenir-se com antecedência para realizar essa proeza, a fim de que manifestasse nessa ocasião o seu poder sobrenatural. Isso seria, então, uma farsa previamente preparada para armar efeito.

Com que fim? E como conciliar essa suposição com o que ele disse a Pedro quando lhe mandou embainhar a espada e soldou a orelha decepada no respectivo lugar?

Tudo isso é simplesmente desopilante, pelo ridículo de que se reveste.

Pobres pescadores, incultos, humildes e idosos quase todos, a usarem espada ...

Como tudo isto é confuso e embaralhado!

S. Jerônimo, que como já vimos, disse ter “corrigido” o que parecia alterar o sentido, com certeza não deu com este calhau, de contrário tê-lo-ia “corrigido” também, para que mais tarde ninguém esbarrasse nele.

Em face disto que aí fica, como censurar os organizadores das cruzadas, que em nome da fé levavam a morte e a destruição a outras terras?

Como censurar a bênção de espadas, de canhões e de exércitos? Pois se até o vice-Deus na Terra tem o seu exército ...

Ah! Esses livros “salgados” são extraordinários como repositórios de absurdos!

Mas, continuemos, porque temos muitas amostras a conferir nesta excursão pelas páginas dos evangelhos que tanta gente considera como código de moral sublime.

Como aberração originalíssima, também do evangelho de Marcos, aconselhamos o leitor a ler o capítulo 7, onde se verá que o Jesus apresentado parece que não era muito amigo da higiene. Pobre Jesus!

Parece que não foram os judeus, ou Pilatos (estudaremos o assunto mais adiante) que o crucificaram. Nos evangelhos é que ele foi amarrado ao pelourinho da crítica e da irrisão.

Vamos, agora, ver como ele é apresentado também como amigo da boa vida e inimigo do trabalho.

Não há passagem alguma nos evangelhos que nos diga que Jesus trabalhasse para fazer face à sua subsistência. Não se sabe se vivia à custa de sua família, com a qual todavia nem sempre estava de boas relações, ou à custa de recursos de outra natureza.

Há alocações dele em que é feita a apologia da vagabundagem, por exemplo quando dizia aos que o seguiam que fizessem como os lírios e os pássaros a cuja subsistência provia Deus, sem que eles semeassem ou colhessem, o que se encontra em Mateus 6, versículo 26.

A mesma coisa quando manda os discípulos de terra em terra, aconselhando-os a que, ao entrarem em uma cidade, procurem ali quem possua recursos, e lá se instalem comendo ... e fazendo milagres. E reafirma esta teoria mandando-os ser grosseiros para quem os não sustentam a boa vida, como se pode depreender dos versículos 10 e 11, do capítulo 10, de Lucas, podendo-se ler a mesma coisa no versículo 4, onde também manda passar sem saudar ninguém pelo caminho.

Bonita educação social se atribui a Jesus, não há dúvida!

Há, também em Lucas, capítulo 8, versículos 1 a 3, qualquer coisa que dá indícios claros sobre a natureza dos recursos de que vivia Jesus e os seus discípulos.

Diz o evangelista que um determinado número de mulheres concorriam “com suas posses” para mantê-los. Isto é uma barbaridade inconcebível. Homens que procedam desta forma têm hoje um nome que não queremos mencionar aqui por decoro, e as autoridades constituídas chegam ao extremo de apontar a saída da barra a quem nos dias de hoje assim proceda. A repressão é inexorável, e com razão, a bem da moralidade pública.

No entanto, Mateus no capítulo 6, versículo 32, faz Jesus dizer que o pensar de outra forma, isto é, trabalhar e economizar, ser previdente, é próprio dos gentios. Sim; vá alguém seguir essa doutrina hoje, e verá como é chamado a severas contas com a polícia.

Comentando essa espécie de vida que levavam Jesus e os seus, Stigler diz com muito cabimento: “parece que a humanidade judaica daquele tempo andava constantemente endemoninhada, para que Jesus tivesse tanto que fazer em expulsar demônios”.

E, muito ironicamente também, Leverdier, crítico francês, diz: “Jesus não podia trabalhar porque estava sempre ocupado em curar possessos do diabo”.

A doutrina atribuída a Jesus, dentro às vezes de um só evangelho, torna-se incompreensível, e para nos certificarmos disto basta ler o capítulo 10 de Mateus, em cujo versículo 37 ele teria dito não ser digno dele quem não o amasse mais do que ao próprio pai, mãe, filho ou filha; isto está em contradição com o capítulo 19, versículo 19, do mesmo evangelho, onde ele manda amar e honrar pai e mãe. Como conciliar estes dois pontos antagônicos é que ninguém ainda conseguiu saber.

Já dissemos que os evangelhos são mais apologias do que biografias, mas forçoso é reconhecer que estas apologias nem sempre elevam, mas por vezes, aviltam o herói que pretendem elevar ou endeusar.

Temos afirmado, e continuamos afirmando, que os evangelhos são contraditórios entre si, do que já temos dado algumas amostras. Mas vamos fazer desfilar perante os olhos do leitor mais um longo rosário de contradições.

A suposta primazia dada a Pedro encontra-se apenas em Mateus, capítulo 16, versículo 18; Marcos e Lucas não mencionam tal coisa, pois o primeiro diz, no capítulo 8, versículo 32 e 33, que Pedro tendo tomado Jesus de parte o repreendeu (!), sendo por isso violentamente repellido com o qualificativo de Satanás, e o segundo, no capítulo 9, versículo 21, diz que Jesus proibira com ameaças que os discípulos dissessem nada a quem quer que fosse. Que mal haveria em que os discípulos o dissessem publicamente?

Lucas dá a duração de um ano e meio mais ou menos à pregação de Jesus, ao passo que João lhe atribui três anos e meio, como se depreende da leitura atenta desses dois evangelistas.

Em Mateus, capítulo 10, versículo 5, mostra-se inimigo dos samaritanos; em Lucas, capítulo 10, versículos 33 e seguintes, vemo-lo fazendo a apologia dos samaritanos, o mesmo se verificando no capítulo 17, versículos 11 e 12.

Sobre a residência de Maria e José, também há discordâncias entre Mateus e Lucas. O primeiro diz no seu capítulo 2 que habitavam em Belém e que no regresso do Egito foram para Nazaré, com se vê no versículo 23. O segundo, nos versículos 26, do capítulo 1, e 4, do capítulo 2, diz que habitavam em Nazaré, para lá tendo voltado após a apresentação no templo, o que consta do capítulo 2 também, versículo 39.

Em Mateus, capítulo 2, fala-se da adoração dos reis magos e que logo depois da partida deles se deu a fuga para o Egito. Em Lucas, porém, capítulo 2, versículos 8 a 20, diz-se que foram uns pastores, e não se dera logo a fuga para a terra dos faraós, visto que se passaram primeiro os oito dias para a circuncisão e mais os trinta e três de purificação de Maria, de acordo com o determinado no capítulo 4, versículo 12, do Levítico. Só depois desse lapso de tempo é que foi feita a apresentação no templo. Afinal, qual dos dois será que fala a verdade? Foram para o Egito como pretende Mateus, ou regressaram para Nazaré como afirma Lucas? Foram reis

magos do Oriente que adoraram o menino, ou pastores? E como explicar que os demais evangelistas silenciem sobre isso?

Confrontemos, agora, as duas genealogias que existem da ascendência de Jesus, em Mateus e Lucas, e vejamos se é possível compreender onde está a verdade. Jesus seria neto de Jacó, como quer Mateus no capítulo 1, versículo 17, ou de Heli, como pretende Lucas, no capítulo 3, versículo 23? Chega-se à conclusão de que nem o parentesco mais próximo de Jesus se pode saber.

A ressurreição também apresenta sensíveis discordâncias, porque Marcos diz que Jesus após ter ressurgido fez o primeiro aparecimento na Galiléia, e Lucas afirma ter sido na Estrada de Amaús, como se depreende do seu capítulo 24, versículo 13.

A fábula dos dois ladrões é igualmente contraditória; Mateus e Marcos dizem que Jesus fora insultado pelos dois facínoras, e Lucas diz que só o foi por um, tendo o outro censurado o companheiro insultador, recebendo por essa sua atitude a promessa de que no mesmo dia entraria no Paraíso.

A questão do batismo também apresenta discordâncias, e dentro do próprio Evangelho de João lemos coisa inteira e diametralmente oposta; no capítulo 3, versículo 22, diz o evangelista que Jesus batizava, e no capítulo 4 diz que não era ele, mas sim, os discípulos.

Mateus, no capítulo 2, versículo 13, dá a fuga para o Egito para fugir à matança dos inocentes, fato que só ele menciona, dizendo que tal fuga – com já acentuamos – se dera logo após o nascimento e adoração; no entanto, Lucas afirma que ele foi ao templo levado por seus pais para a circuncisão oito dias depois, conforme estipulava a lei mosaica.

Na escolha dos primeiros discípulos aparece novamente a confusão, porque Mateus, no capítulo 4, versículo 18, diz que Jesus caminhava pela praia quando chamou Pedro, André, Tiago e João. Lucas, porém, conta a história de uma pesca milagrosa, depois de Jesus entrar na barca de Pedro, em seguida ao que os humildes pescadores deslumbrados resolveram seguir Jesus espontaneamente. Todavia, João diz que foi nas margens do Jordão, e que foram os discípulos do Batista que abandonaram esse para seguir Jesus.

Outro caso que merece a atenção é o da espadeirada que no ato da prisão de Jesus redundou em ser decepada a orelha de Malco por Pedro. João diz ter sido realmente este apóstolo, porém os demais evangelistas dizem apenas ter sido um dos que estavam com Jesus. Mas quem foi então? Quem mais estava com Jesus se não os discípulos? E como compreender, também, que humildes pescadores usassem espada?

A respeito da tentação no deserto, encontramos também verdadeiro impasse, como vamos ver: Mateus e Lucas dizem que ele jejuou quarenta dias e quarenta noites (que exagero!) e que depois sentiu fome (pudera!). Marcos, porém, diz que esteve no deserto onde foi tentado por Satanás; que habitava com as feras e os anjos o serviam. Então teve fome ou não? Jejuou ou não jejuou?

A ascensão ao Céu também é contraditória. Marcos diz que foi em Jerusalém no próprio dia da ressurreição; Lucas afirma que foi em Betânia, conforme se vê no capítulo 24, versículo 50; se formos ver os Atos dos Apóstolos, capítulo 1, versículo 3, veremos que foi quarenta dias depois da ressurreição.

As últimas palavras atribuídas a Jesus no alto da cruz também não conferem nos quatro evangelistas. Mateus, capítulo 27, versículo 46, diz que foram: “Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?”, o que também se encontra em Marcos 15, versículo 34. Lucas, 23, versículo 46: “Pai, nas tuas mãos encomendo o meu espírito”. E, finalmente, em João 19, versículo 30: “Tudo está cumprido”.

O local onde teria sido batizado também não está de acordo com todos os evangelistas; Mateus e Marcos dizem ter sido no deserto da Judéia, margens do Jordão, ao passo que João, no capítulo 2, versículo 1, diz ter sido em Betânia, e que três dias depois estava ele nas bodas de Caná. Ora, consultando-se um mapa constata-se haver uma enorme distância entre Betânia e

Caná, do que resulta estranhar-se que em três dias apenas tenha ele percorrido todo esse trajeto, levando em conta a dificuldade de comunicações daquela época.

Pelo exposto, pálida amostra da enxurrada de incongruências e discordâncias que vão pelas páginas dos evangelhos, chega-se à conclusão de que nada ou quase nada se aproveita, conclusão também a que chegaram outros estudiosos do assunto.

Razão tinha o Padre Loisy quando desassombradamente confessava que seria impossível levantar uma biografia de Jesus decalcada sobre os evangelhos, dadas as contradições e interpolações flagrantes.

Jorge Brandes também já fizera a mesma observação e admirava-se de que os escritores evangelistas, quaisquer que eles tenham sido, não se interessassem nada pelos fatos históricos, mostrando uma indiferença lamentável pela ordem cronológica, caindo em lamentável pandemônio quando pretendem esboçar qualquer narrativa com caráter histórico.

Esse estado confuso vai desde o nascimento de Jesus até ao final de sua vida.

Um caso que não tem passado sem causar impressão aos que se dedicam a esta espécie de estudos é o silêncio dos evangelistas sobre os primeiros anos da vida de Jesus.

Lucas é o único que dá acolhida à lenda da disputa com os doutores no templo, dando-a por acontecida aos doze anos (Lucas, 2, versículos 41 a 50); mas os outros saltam do nascimento para o batismo de João. Mateus pára na volta do Egito. Marcos e João começam em João Batista. Como explicar este silêncio?

Só de duas formas: ou os evangelistas nada souberam a respeito de todos aqueles anos, – que no entanto abrangem toda a juventude, visto que Jesus principiou a pregar publicamente aos 28 anos de idade, sob o reinado de Tibério – ; ou o sabiam a não achavam que fosse muito honroso para a pessoa de Jesus narrar o que tinha sido a sua infância, preferindo, por isso, silenciar.

Que teria feito Jesus dos doze aos trinta, ou trinta e oito anos? Este problema não atormentou muito os crentes, nem mesmo alguns estudiosos; no entanto, é a idade em que se forma o caráter, em que as paixões se tornam exigentes, desenvolvem-se e procuram expandir-se.

Há quem acredite que ele tenha trabalhado tranqüilamente junto a José seu pai, como carpinteiro; outros supõem que ele tenha viajado fora da Palestina para instruir-se, indo à Grécia para iniciar-se na filosofia platônica, ou ao Egito para lá aprender a magia, isto é, a arte de fazer milagres.

A última hipótese é a mais provável, se bem que Kirchen dá-o como enamorado de uma filósofa grega que lhe teria inspirado o pensamento de sua missão.

Como se vê, tudo fantasias sem grande fundamento histórico. Os próprios evangelhos apócrifos, de que falaremos mais tarde, provenientes dos primeiros século da Era Cristã, apresentam-nos um Jesus-menino muito diverso do que nos é apresentado nos canônicos ligeiramente, ou na tradição oral cheia de misticismo. Apresentam-nos um menino iracundo e cruel, que aproveita o seu divino poder de mago para mortificar os demais.

O pseudo-Mateus, por exemplo, refere que Jesus aos quatro anos de idade, tinha feito com terra uns lagos e ribeiros para escoamento de água. Um outro menino qualquer teria tapado um daqueles ribeiros, e Jesus ter-lhe-ia dito então: "vae tibi, fili mortis, fili satanae. Opera quae operatus sum dissipas ? Et statim qui hoc fecerat mortuus est" (2ª parte, cap. XXVII). Isto fez com que o povo se amotinasse e o menino Jesus, a pedido de sua mãe, ressuscitou o menino morto.

Outra ocasião Jesus-menino levava um empurrão de outro, e sem perda de tempo ter-lhe-ia dito "Non reverteris sanus de via tua quo vadis. Et statim corruit et mortuus est," (pseudo-Mateus, cap. XXIX) .

Os mesmos fatos se relatam com pouca diferença no evangelho de Tomás, o que nos vem demonstrar que o menino Jesus teria sido certamente uma criança bem diferente daquela que nos é mostrada em quadros da igreja, toda sorridente e amorosa.

Este menino não seria uma revelação do homem que mais tarde iria escorraçar do templo os mercadores de chicote na mão?

Mas tudo isto não passa de lenda, pois, mesmo esses evangelhos antigos estão de tal forma sequestrados do público, no Vaticano, que se torna impossível a quem quer que seja fazer um estudo mais profundo. O pouco que deles se sabe é devido à indiscrição de alguém que já os teve na mão e deu ao domínio da publicidade alguns trechos, como esses que aí ficam citados, e outros.

Também nada se sabe acerca de Jesus na vida social e de relação. Há apenas o indício e quase certeza, dentro dos evangelhos, de que ele hostilizava, franca e abertamente, os fariseus seus contemporâneos, dos quais sempre se revelou rancoroso inimigo, provocando-os constantemente com apóstrofes diretas e violentas.

Não nos dizem os evangelistas que ele tenha, por exemplo, alimentado uma afeição com pessoa de outro sexo. Em todo o caso, por vagos indícios, pode chegar-se a formar um juízo sobre o assunto.

Na apreciação deste ponto de vista, temos a certeza que vamos fazer muita gente ficar assombrada e horrorizada, julgando uma heresia, blasfêmia, ou crime de lesa-religião, o parecer que vamos emitir, e as considerações que se seguem. Mas não importa, porque não estamos escrevendo para fanáticos. Estamos escrevendo para aqueles que desejam encontrar a verdade, esteja ela onde estiver. Portanto, se o leitor que tem prosseguido na apreciação deste trabalho até aqui está ainda profundamente imbuído de idéias religiosas e místicas, passe adiante, ou feche o livro, porque vamos agora raciocinar humanamente, fora das injunções de dogmas.

Continuemos.

Os poucos e escassos documentos que possuímos sobre a infância de Jesus, e esses mesmos de caráter lendário, autorizam-nos a supô-lo um homem como qualquer outro, e que como qualquer outro tenha sido também um pecador; e esta hipótese, embora aparentemente pouco respeitosa, está baseada em argumentos diretos e indiretos, por uma lei psicológica de que há provas e sobre-provas na história religiosa da humanidade.

Os grandes santos quase sempre foram, antes da conversão, grandes pecadores, e seus apegos a idéias e credos são tanto mais intensos quanto maiores tenham sido seus desregramentos anteriores. Aquele que mais perdão aconselha foi, não raro, o que mais necessidade dele teve, e o que mais pureza de costumes prega foi, na maioria dos casos, o que mais desceu no nível moral.

É que à maior santidade no presente correspondeu, quase sempre, a maior soma de pecados no passado. A história dos santos está cheia desses exemplos.

Jesus, que foi precisamente o pregador de conversões, apóstolo do perdão, sedento de pureza, figura do arrependido que também busca o arrependimento dos outros, inimigo do pecado cujo sabor conheceu em toda a extensão até à repugnância, teria fugido a essa lei? Ninguém pode afirmar ou negar tal coisa, e por isso mesmo a hipótese torna-se mais provável.

As probabilidades tomam ainda maior vulto quando vamos examinar os textos evangélicos sem preconceitos apologéticos. Os três sinóticos estão de acordo em apresentar a pregação de João Batista como uma chamada à penitência, e o batismo como uma purificação dos pecados (Mateus 31, versículos 1 e seguintes; Marcos 1, versículos 4 e seguintes; Lucas 3, versículos 1 e seguintes).

João era, pois, o que chamava aos arrependidos e lhes lavava os pecados com água, e Jesus, tendo-se aproximado dele e fazendo-se por ele batizar, confessou implicitamente que também era pecador. É verdade que os evangelistas, especialmente João, espantados desta confissão do mestre e na impossibilidade de negar-se a tradição, transformaram o Batista em

precursor, para não lhe dar a prerrogativa de ter ele convertido Jesus. Para isso, atribuíram-lhe palavras que estão em franca contradição com o fato admitido por todos, do batismo recebido. Em que isto pese a pretensões messiânicas, quem se arrepende é porque já pecou, e aquele que se lava é porque estava sujo.

Outra confissão, embora indireta e escondida sob a aparência de mito, é a fuga para o deserto e a tentação de Satanás. Os quarenta dias, como os sete da criação e os quarenta do dilúvio, indicam um período indeterminado de tempo, e Satanás representa simplesmente o princípio do mal, a carne, o mundo, a sensualidade, pois ninguém hoje aceita Satanás como uma entidade real.

Provavelmente, Jesus depois do batismo, se na realidade a ele se submeteu, retirou-se para a solidão (o deserto) e lá sentiu as tentações carnis e mundanas, recordando-se talvez da vida anterior à sua conversão. “E tendo jejuado 40 dias e 40 noites, no fim sentiu fome”, (Mateus 4, versículo 2). Quer dizer: depois de tanta abstinência, voltou a sentir o desejo do mundo. Nem seria admissível que criatura alguma jejuasse 40 dias e 40 noites, e só sentisse fome no fim de tão longo espaço de tempo. Lucas acrescenta umas palavras que não deixam de ser um tanto graves: “acabadas assim as tentações, o diabo afastou-se dele por algum tempo” (Lucas 4, 13).

“Por algum tempo”, quer dizer que pode admitir-se a hipótese de ter voltado depois. Portanto ter-se-ia novamente, mais tarde, tornado presa do demônio (das tentações)? Ter-se-ia Jesus reconhecido como pecador ainda depois da conversão?

Há uma passagem de Mateus que deixa a tal respeito algumas dúvidas: “um homem, tendo-se aproximado dele, disse-lhe: ‘bom mestre, que deverei fazer para alcançar a vida eterna?’ E ele respondeu: porque me chamas ‘bom’? Ninguém é bom senão um – Deus” (Mateus 19, versículos 16 e 17). Com estas palavras, Jesus separa-se de Deus, da bondade por excelência, confessando-se homem, isto é, mau como todos os homens.

A mesma dúvida nos suscita o famoso caso da mulher adúltera (João 8, versículos 3 a 11). As célebres palavras “aquele que entre vós esteja sem pecado atire-lhe a primeira pedra” aplicam-se também com certeza a Jesus, porque ele achando-se só com a mulher e vendo que ninguém se tinha julgado tão inocente que fosse capaz de atirar-lhe a primeira pedra, disse-lhe: “tampouco eu te condenarei”. Isto é, eu também sou pecador e não tenho o direito de atirar-te a primeira pedra. Muitas vezes se tem pensado que espécie de palavras teria Jesus escrito com o dedo, enquanto os judeus moralistas se assanhavam em volta da culpada. Talvez uma confissão, ou alguma acusação contra qualquer um dos presentes.

O caso da adúltera faz-nos pensar um pouco na vida sexual de Jesus. Poucos têm falado deste assunto, e por isso mesmo uma simples alusão pode parecer um sacrilégio. Mas, admitida a nossa hipótese nada há que maravilhar nem causar rubor. Jesus, como homem e vencedor das fraquezas, é mais grandioso do que um Jesus mito ou fantasmagoria.

Há até uma tradição talmúdica recolhida no “Sanedrin” que aqui relatamos sem querer esposar sua autenticidade nem rejeitá-la. Diz-nos que Jesus, quando jovem, gostava de olhar para as mulheres. Segundo esta lenda, Jesus fora discípulo do Rabi Jeosuah e quando este teve que fugir para Alexandria, para evitar a cólera do rei Jannai, acompanhou-o. “Feita a paz, foram-se e descansaram em uma pousada... e Jesus disse: ‘Rabi, a hoteleira tem uns olhos pequeninos’. O mestre respondeu a Jesus: ‘Miserável! estás reparando nisso?’ E ato contínuo excomungou-o”.

É claro que isto não sai do domínio da lenda. Pode ser autêntico e pode não o ser.

Há um outro ponto que nos oferece ponderação e merece ser refletido: a afeição que Maria Madalena tributava a Jesus, sentimento esse que por vezes aparece nas páginas evangélicas um tanto exagerado, levando o leitor a aprofundar-se em uma série enorme de conjecturas.

Segundo esses escritos, ela fora uma pecadora, tendo-se regenerado sob o influxo dos ensinamentos dele, o que a torna efetivamente digna de admiração.

Madalena converte-se e deixa patente uma afeição entranhada ao Mestre, que às vezes chega à exaltação, podendo ser interpretada como sentimento meramente espiritual, ou como um pouco material também. O que é fato é que Madalena amou o Mestre.

E Jesus, por aquele seu amor, a desculpa; ternura inexplicável por parte de quem não se ocupou de sua própria mãe e chegou ao ponto de lhe dizer que nada havia de comum entre os dois, como se vê em João, capítulo 2, versículo 4.

Esta hipótese está fortalecida também pelos dizeres do capítulo 10 de Lucas, versículos 36 a 42, onde Marta censura Jesus por consentir que Maria fique a seus pés, enquanto ela trabalha nos arranjos da casa. Leia-se bem, com inteligência esclarecida e livre de preconceitos, e veja-se se não há ali uma cena de ciúmes mal encoberta e pessimamente disfarçada.

Alguém pretendeu alegar que se trata, nesse caso, de uma outra Maria qualquer, mas isso então viria confirmar que Jesus não era indiferente ao sexo feminino, o que aliás em nada o desmerecia como homem que era.

Contra essa pretensão insurge-se, porém, o capítulo 11 de João, versículo 2, onde está dito terminantemente que se trata de Madalena. Se esta tradição de um amor passado entre Jesus e a pecadora fosse, como de fato é, bastante provável, ficaria então demonstrado que Jesus fora, pelo menos sexualmente, um homem normal.

Em que isso pese aos exegetas, a verdade é que Jesus assumiria então proporções muito maiores, e poderia, com todo o motivo e sob todos os aspetos, ser apontado como um exemplo a seguir na senda de regeneração progressiva.

E, em abono desta hipótese, pode também ser invocado o capítulo 8 de Lucas, versículos 1, 2 e 3, como já ponderamos ao tratar dos recursos de que vivia Jesus e os seus.

E aí está como uma análise-excursão pelos textos evangélicos, em estudo de confronto e crítica, nos leva a uma conclusão bem deplorável desses livros que pretendem fazer passar como repositórios de moral, ou como uma biografia do fundador de um credo.

É interessante observar-se que pode perfeitamente saber-se a vida e particularidades de todos os fundadores de religiões. Mas de Jesus é inteiramente impossível. Quando se faz essa tentativa, tem-se a impressão de cair numa casa de bric-a-brac. E' um labirinto em toda a extensão da palavra.

Vamos agora prosseguir em outra ordem de estudos. Será uma apreciação interessantíssima, que aconselhamos o leitor a fazer, pois a questão dos milagres, de que vamos tratar, é quase a pedra angular do vasto edifício construído em torno da personalidade de Jesus. Esse edifício, porém, foi levantado com tão pouca perícia, ou com materiais tão inferiores, que hoje a crítica e investigações científicas lhe abriram tremendas brechas, por onde já está entrando o vento da desorientação.

Feito esse e outros estudos que estão dentro de nosso programa, não será exagero dizer-se que as narrativas evangélicas ficarão expurgadas do que têm de maravilhoso e lendário, pouco restando no domínio das coisas verdadeiras e concretas. Será um castelo de cartas que o vento jogou por terra e dispersou em todas as direções.

3. JESUS E OS MILAGRES EVANGÉLICOS

Para que se possa avaliar a autenticidade dos milagres mencionados no Novo Testamento, é preciso recuar a uma época bem remota, como vamos fazer.

Na Índia e na China, os sacerdotes da religião de Brahma e Buda constituíam a classe privilegiada e dominante, única que era instruída. Só eles cultivavam as ciências relacionadas com aritmética, astronomia, física e ciências ocultas, conhecimentos esses que lhes permitiam atuar sobre o espírito das massas populares e dominá-las.

O mesmo aconteceu na Pérsia, onde os magos tinham o monopólio das ciências ocultas, poder julgado sobrenatural que chegou até nossos dias, ou pelo menos até a Era Cristã. No entanto, no Egito é que vamos encontrar em grau mais elevado a aliança do sacerdote e do sábio, dominando o povo e influindo até sobre os reis.

Por uma iniciação oculta, os sacerdotes eram os únicos detentores dos mistérios da sagrada doutrina de Hermes, que abrangia toda a espécie de ciências, inclusive o espiritismo. A este respeito Galiano, célebre médico francês, em suas “Memórias”, fala de um templo perto de Memphis, onde se realizavam as mais surpreendentes curas por hipnotismo.

Se lermos com atenção o Velho Testamento, verificaremos que Moisés, antigo sacerdote egípcio, para assombrar os hebreus nas vertentes do Sinai, deve ter feito uso dos conhecimentos adquiridos nos templos de Osíris, tanto para o emprego de seu bastão mágico, como para os fenômenos luminosos conhecidos ali sob a denominação de “Sarça Ardente”.

Esta doutrina secreta era reservada aos iniciados, que eram os únicos a compreender como e porque a vida do homem é uma evolução no tempo e no espaço, alma imortal, temporariamente enclausurada em corpos mortais e variáveis, partícula eterna de um Grande Foco de luz e vida.

E aqueles que tinham esses conhecimentos profundos assombravam as multidões populares e incultas com os prodígios e curas milagrosas que às vezes realizavam. Eis aí a origem dos milagres que saltitam pelas páginas dos evangelhos.

Então Jesus esteve em algum desses países, onde se tenha feito iniciar nas ciências ocultas? Ninguém o poderá afirmar ou negar, porque nada se sabe da sua infância e juventude, desse período que vai até o aparecimento na vida pública, ou seja até a idade de 23 ou 30 anos.

Como já vimos, há quem suponha ter ele estado no Egito, e aquela história da fuga por causa da matança dos inocentes, se não é uma adaptação para justificar uma passagem do Velho Testamento, que veremos adiante, pode ser um ligeiro indício de que ele tenha realmente para lá ido, a fim de iniciar-se nas ciências herméticas, de que mais tarde fez tão largo uso entre o povo judeu.

Consideremos, por outro lado, que a maioria dos milagres narrados pelos evangelistas são hoje triviais à luz da ciência e de conhecimentos que não são mais exclusividade de castas privilegiadas.

Aqueles endemoninhados, de que tanto alarde fazem os evangelhos, eram simples casos de obsessões, que por um processo de irradiações ou passes magnéticos são hoje curáveis por qualquer médium bem assistido pelo Astral Superior.

A transfiguração no Thabor, a cura de um lunático, o caso da mulher cananéia, a multiplicação dos pães e tantos outros que por lá vão, não passam de autênticos fenômenos de sugestão e auto-sugestão irradiação perispiritual, e curas magnéticas.

E para atuar desta forma, Jesus teria obtido no Egito, ou na Grécia, como querem outros, os conhecimentos suficientes, iniciando-se nos mistérios da doutrina secreta.

O filósofo Celsio, adepto de Platão, Pitágoras o Empédocles, escreveu aí pelo segundo século da Era Cristã um antievangelho, a que pôs o sugestivo nome de “Livro da Verdade”. Este trabalho foi de tal ordem e tão arrasador das lendas e deturpações existentes que a Igreja teve o máximo cuidado de fazê-lo desaparecer. Bossuet chegou a dizer que esse livro era a mais temível argumentação que jamais se fizera contra a Igreja e seus postulados.

Conhecem-se alguns trechos importantíssimos desse livro, pelas citações inteiras que fez Orígenes quando, providencialmente, tentou rebatê-lo no século terceiro. Providencialmente sim, porque se não fosse a tentativa de Orígenes, aliás sem resultado, não teríamos ensejo de conhecer tão profundas considerações do grande filósofo grego.

Pena é que não exista mais tão importante trabalho filosófico, que foi criminosamente destruído por não haver capacidade nem fundamento suficiente para combatê-lo.

A uma das respostas que Orígenes deu a Célsio acerca de uma passagem do “Livro da Verdade” é que vamos recorrer para confirmação maior de que Jesus realmente esteve no Egito.

Célsio afirmara que Jesus “achando-se na maior miséria viu-se obrigado a ir para o Egito, onde viveu trabalhando para outros mercenariamente”, isto é, foi procurar trabalho no Egito.

Pois bem: Orígenes respondeu com estas palavras que transcrevemos: “censura-se e lança-se-nos em rosto que Nosso Salvador tenha nascido, não em uma progressista cidade da Grécia, mas em um país miserável, tendo tido por mãe uma mulher que vivia do seu trabalho, e que se tenha visto obrigado a ir para o Egito servir um patrão”.

Então é um padre da Igreja, Orígenes, o grande Orígenes, que confessa que Jesus foi trabalhar no Egito, dadas as privações materiais que havia em sua casa! Santo Deus!!!

Mas, então, a que é que fica reduzida a fuga para o Egito por ordem de um anjo, a fim de escapar o menino à matança dos inocentes? Que tremendo alçapão Orígenes armou para a lenda evangélica! Como eles próprios se destroem!!!

Pois bem, é esse mesmo Célsio que diz ter Jesus feito grandes aprendizagens no Egito “tendo-se tornado profundo conhecedor das cortes mágicas, de que fez largo uso ao voltar à Judéia, curando enfermos, evocando almas, e expulsando demônios”.

Está, portanto, mais uma vez robustecida a nossa hipótese de que Jesus era simplesmente um médium desenvolvido em alto grau, e os milagres por ele produzidos perdem, portanto, esse aspecto maravilhoso e sobrenatural que lhes foi atribuído, por estarem enquadrados dentro de leis naturais.

Razão tem Augusto Dide quando diz: “os milagres com que se pretende exaltar a vida de Jesus são hoje contos de que uma simples ama seca se envergonharia de usar para adormecer crianças” (“El fin de las religiones”, página 163).

Um célebre padre, da Igreja também, Monsenhor Dupeirat, escrevia há alguns anos em um livro que pouco circulou por ter sido tirado das livrarias nunca se soube por quem: “Aliqua Evangelii miracula impossibilia tenentur, nisi Deus non esset Deus – Alguns milagres dos Evangelhos são impossíveis e inverossímeis, a não ser que Deus deixasse de ser Deus” (“De Miraculis”, pag. 18).

Leve-se em conta que Jesus, ao iniciar a sua vida pública, cercou-se de gente humilde e inculta, e ter-se-á compreendido a impressão que os “prodígios” operados teriam deixado. Grifamos a palavra “prodígios” porque é preciso salientar que o milagre, no sentido que lhe dá a Igreja, não pode existir, seria uma derrogação das leis eternas e imutáveis. Se estas leis podem ser transgredidas ou derogadas, é porque o Deus a que se referem todos esses credos religiosos baseados no misticismo dogmático não é infalível.

Volta atrás quando reconhece ter “errado a mão”.

O bom senso repele essa hipótese e ri-se dela. No entanto, a verdade é que nos primeiros tempos da Era Cristã, quando se procurava apresentar Cristo como um autêntico herói, eram precisos milagres, muitos milagres. Deve ter sido assim que apareceram o milagre do peixe que trazia uma pequena moeda na boca para o pagamento de um imposto; o dos cinco pães e cinco peixes multiplicados até o infinito para matar a fome de cinco mil pessoas, sobrando ainda uma quebra de grande quantidade de cestos; a transformação da água em vinho (hoje faz-se melhor: transforma-se vinho em sangue no altar); a cura da lepra por simples contato; a mão ressecada curada de repente; a solda da orelha de Malcos; a legião de demônios que atormentavam um

pobre homem e depois “entraram” nos porcos que, furiosos, se precipitaram no abismo; e muitos outros.

Era a necessidade premente de milagres. E o arsenal da imaginação foi inesgotável; o que não houve foi a preocupação do bom senso.

Vamos, em primeiro, lugar estudar as pseudo-ressurreições de mortos: a filha de Jairo; o filho da viúva de Naim; e Lázaro.

Marcos, no capítulo 5, relata a ressurreição da filha de Jairo em cores vivas e impressionantes, como se se tratasse de uma autêntica maravilha. No entanto, no versículo 39, atribui a Jesus a declaração formal de que ela não estava morta, mas sim adormecida, e tanto assim deve ter sido que para chamá-la à vida não disse ressuscita, mas sim levanta-te.

Da mesma forma teria procedido para o caso do filho da viúva de Naim, segundo Lucas, capítulo 7.

Estamos aqui frente a frente com casos de letargia, pois se essas criaturas estivessem realmente mortas, seria contra as leis da natureza a sua volta à vida. Se fosse possível esse regresso à vida terrena no caso de morte real, as leis eternas estariam, então, à mercê de qualquer milagreiro, deixando de ser eternas e imutáveis. Deus deixaria de ser Deus.

Jesus teria adquirido no Egito a faculdade de exteriorizar a sua ação fluídica, e esta iria atuar nos sentidos entorpecidos dos supostos mortos, essa é que é a explicação mais plausível.

A serem autênticos os fatos narrados nos evangelhos, esta é uma explicação racional, pois o próprio Jesus teria declarado que “dormia” e que não estava morta, circunstância que deve ser comum aos dois casos.

A ressurreição de Lázaro apresenta-se-nos com aspectos tão exagerados que mais parece lenda, tanto mais que apenas é citada em João. Ora, se isso fosse verídico devia ser conhecido dos outros evangelistas, que não deixariam de o mencionar dadas as circunstâncias em que se teria realizado, pois, diz o autor do quarto evangelho que “já exalava mau cheiro”.

Era, portanto, um morto autêntico segundo todas as aparências.

A nosso ver, também podia ser uma letargia prolongada, e nem o fato de dizer-se que já “exalava mau cheiro” invalida esta suposição. Não é ainda recente, relativamente, a época em que criaturas em estado letárgico eram levadas à sepultura? E não é constatável nos dias que correm achar-se criaturas com feridas cancerosas ou crônicas, que exalam mau cheiro?

Podia, também, então, ter-se dado o caso de que Lázaro estivesse em estado letárgico e que algum de seus membros estivesse afetado, e ser essa a origem do mau cheiro alegado.

Todavia são hipóteses e nada mais, pois nossa opinião pessoal é que o autor do quarto evangelho, ou quem lhe fez essa interpolação, quis demonstrar que também sabia forjicar milagres, e num arrojo de imaginação idealizou um superior a todos os outros, acrescentando-lhe a indicação de que Lázaro já cheirava mal, para mostrar superioridade aos demais. Talvez por isso é que este milagre não aparece nos sinóticos, que são anteriores ao quarto evangelho como já frisamos.

Outro fato “miraculoso”, que poderia ser invocado pelos adeptos do sobrenatural, é o ter Jesus andado sobre as águas, se é que realmente andou. Nada, porém, existe de maravilhoso, pois o mesmo evangelista que conta o fato, Mateus capítulo 14, versículos 22 a 33, diz que Pedro também fez o mesmo.

O que deve ter-se dado, a ser verídico o fato, é o mesmo que se dá com as chamadas mesas suspensas, que ficam no ar sem ponto algum de apoio, um caso, portanto, de levitação e nada mais. Hoje esses fenômenos são comuns, e nada há neles de sobrenatural, para quem procure conhecer as leis que regem os principais elementos do Universo, ou seja, força e matéria.

Vamos ver o caso das bodas de Caná, onde a água teria sido transformada em vinho. Inicialmente, achamos que esta maravilha atribuída a Jesus é um tanto suspeita, e isso porque é o primeiro milagre que se diz ter sido feito e só é relatado por João.

Se o acontecimento tivesse sido tão notável, como pretende o evangelista, os que escreveram os sinóticos não deixariam por certo de fazer referência a ele. Contudo, admitindo-se que se tenha verificado, esse caso não tem aspecto algum de miraculoso, pois podia muito bem ser o efeito de ação magnética que transformasse as propriedades da água dando-lhe o sabor de um delicioso vinho. Já vimos, pessoalmente, um experimentador no palco do antigo teatro S. Pedro produzir esses fenômenos hipnóticos e magnéticos em qualquer pessoa da assistência que se quisesse submeter à prova.

Apesar de tudo isto, não aceitamos a autenticidade da proeza, porque mesmo transformado o sabor da água no de autêntico vinho, era preciso que a coloração também fosse transformada, sem o que não passaria despercebido o “passe de mágica”, a não ser que se impingisse a nova bebida como vinho branco. E assim mesmo ...

Apreciemos, agora, o célebre caso dos possessos que tinham demônios a atormentá-los. Vamos por partes, porque o fato está cheio de disparates.

Mateus, capítulo 8, versículos 28 a 34, diz que eram dois os obsedados; Marcos 5, versículos 1, 2 e seguintes, diz que era um só; Lucas também diz ser um só, e que o número dos obsessores era infinito, pois era, uma “legião”, como se lê no versículo 30 do capítulo 8, e em Marcos também, no capítulo 5, versículo 9.

No que os referidos evangelistas estão de acordo é em dizer que os tais demônios renderam uma homenagem a Jesus, reconhecendo-o e chamando-o “Filho de Deus Altíssimo”. Esses demônios eram efetivamente abobalhados, pois deviam saber que Jesus os iria atormentar, e impor-lhes sua força irradiante, e nesse caso deveriam abandonar a vítima, ou as vítimas, antes de ele chegar, com o que evitariam a humilhação de lhe pedir ... armistício. Mas, o mais ridículo do caso é o terem eles pedido licença para, “entrar” nos porcos, e que Jesus o tenha consentido.

Depreende-se daqui que esses diabos estavam tão mal habituados que não podiam mais abstrair de uma vítima qualquer, nem que fossem ... porcos. Jesus concede-lhes essa licença, e eles “entram” nos pobres animais e ... zás. Precipitam os bichos no mar, onde morreram todos afogados! É o caso de indagar agora que culpa tinham os pobres porcos para sofrerem essa matança coletiva? Sim, porque Jesus tendo permitido tal coisa matou de uma só vez dois mil suínos, como lá está em Marcos capítulo 5, versículo 13.

Por outro lado, há a considerar o prejuízo causado: esses porcos, dois mil, deviam ter dono com certeza. Quem o indenizaria do prejuízo sofrido? Com que direito Jesus podia lançar mão da propriedade alheia para destruí-la numa demonstração de suas “qualidades”? Concordemos que em matéria de absurdo e ridículo não podia haver melhor. Vá lá alguém hoje, para mostrar suas qualidades de bom atirador, principiar a alvejar animais que se achem tranqüilamente no pasto ... Ou vai para a Detenção, ou para o Hospício com guias da polícia. E pode ser que até não fique só nisso.

Essa questão de possessos e demônios, que principiam por prestar uma homenagem, recorda-nos o caso de um jovem pregador que há alguns anos subiu ao púlpito de um grande templo, em terras portuguesas, repleto de fiéis e autoridades eclesiásticas que supunham ir ouvir um eloqüente sermão sobre o dogma da Imaculada Conceição. Esse sacerdote, recentemente ordenado, uma vez no púlpito, alvo de muitos olhares açucarados das devotas fiéis, e da contemplação vaidosa e cheia de satisfação dos confrades da Ordem Monástica a que pertencia, e da qual era considerado o orgulho, ficou repentinamente “possesso” também (mediunizado), e em vez de “dar conta do recado” fez um sermão racional, desbaratando o dogma e arremetendo contra a Santa Sé.

Felizmente não o obrigaram a “entrar” numa manada qualquer de porcos, ou porcas, mas em compensação quase o mataram, fazendo-o sofrer horrores, só porque havia dito verdades bem duras, e quando menos se esperava, escandalizando um auditório imenso.

Como se vê, os “milagres” relatados pelos evangelistas podem, e devem, ser classificados em duas categorias bem distintas: simples casos de sugestão, auto-sugestão e curas fluídicas, os que são admissíveis à luz dos conhecimentos que nos dão as leis que regem a relação entre força e matéria; ou absurdos exageros de imaginações férteis, com o intuito de impressionar as massas incultas, aqueles que a razão repele.

Está, portanto, reduzido a bem pouco o lado maravilhoso que nos querem apresentar os evangelistas acerca do herói que, em vez de elevar, amesquinham inconscientemente. E como estes são os principais “milagres” que nos apontam os evangelhos, encerramos este capítulo com uma afirmativa solene, sobre a qual rogamos ao leitor que medite um pouco: o sobrenatural não existe, portanto, tudo o que está nesses livros ou se enquadra dentro de leis naturais, quer as conheçamos ou não, ou então são simples invenções de cérebros doentios e exaltados.

E com isto vamos analisar outro ponto de vista evangélico.

4. A DOUTRINA MORALISTA ATRIBUÍDA A JESUS

Não falta por aí quem, ao ouvir considerações como as que vimos fazendo, no auge da irritação, pretenda sair à estacada argumentando com o velho disco gramofônico: “a letra que mata (confunde), e o espírito que vivifica”.

Pretenderão, assim, dizer que é preciso ler o que não está escrito, ou então procurar agulhas dentro de um palheiro. Mas com essa argumentação, esquecem-se lamentavelmente que em tal caso estão colocando a tal moral, e o próprio Jesus, dentro de um labirinto evangélico, cheio de contradições, disparates e absurdos, com o que se torna quase impossível chegar a uma conclusão satisfatória ou elucidativa.

Quando se pensa ter achado um padrão, um tipo uniforme, vamos encontrar mais adiante um texto ou passagem que destrói inteiramente o juízo previamente formado.

Para tal fim, vamos apreciar algumas das célebres parábolas, onde tanta gente boa julga que estão escondidas autênticas jóias de incalculável valor, sem se lembrar que hoje essas verdadeiras jóias de moral e verdade estão ao alcance até das inteligências mais rudimentares, em livros modernos com linguagem clara e acessível a todos, onde não existem esses calhaus de contradições, absurdos e disparates.

Essas parábolas, na sua maioria, são plágios, repetições e arranjos mal feitos. A do mercador, por exemplo, que tudo vendeu para comprar uma pérola, é do Talmude, um decalque feito sem arte nem propriedade.

A do rei que expediu convites para o casamento do filho, Mateus 22, chega a ser bárbara e paradoxal. Inicialmente, faz lembrar o caso de Sodoma e Gomorra, ou então o Dilúvio Universal de que fala o Velho Testamento. Se essa parábola é realmente de autoria de Jesus, evidente se torna que ele caiu num disparate, pois diz apenas que o tal rei ordenara aos criados para saírem à rua e chamar quantas pessoas vissem para substituir os convidados que haviam faltado e aos quais mandara matar no auge da cólera e do despeito.

Ora, tendo os criados chamado todas as pessoas que viram pelas ruas, sem aviso prévio, torna-se intuitivo que nem todas estariam com trajes nupciais. Pois o rei, segundo a tal parábola, tendo encontrado entre os presentes ao festim um pobre homem que não estava com as tais vestes de luxo, mandou-o amarrar de pés e mãos e jogar nas trevas exteriores onde haveria choro e ranger de dentes. Como poderiam essas criaturas estar com trajes nupciais se não esperavam o convite? É claro que não se vai andar com trajes nupciais a qualquer hora esperando que um ocasional convite nos chegue para um banquete de bodas.

É, pois, absurda a parábola atribuída a Jesus, e honra-o muito pouco, porque tal ensino moral que queiram aí encontrar é paradoxal. Se se pretende, ou se Jesus pretendeu, dizer que o referido rei é Deus aí simbolizado, estaria então o Ser Supremo comparado a um tirano e truculento odioso.

A parábola do juiz iníquo também não deixa de ser curiosa no aspecto em que Lucas, capítulo 18, a apresenta. Jesus teria aí comparado o Criador a um mau magistrado que não temia Deus nem os homens, mas que, no entanto, resolvera atender a uma pobre mulher que lhe solicitara justiça, só para que ela o não molestasse mais com as suas lamúrias.

De acordo com essas teorias, Deus só atenderia a nossa súplica quando visse que nos tornávamos maçadores, e se assim é, está claro que mais valeria levar os dias inteiros rezando, pedindo que nos fosse dado o rico pãozinho do que afrontar chuvas e sol, calejando as mãos e fatigando o cérebro, na procura quotidiana dos meios de subsistência. A questão era pedir, e só pedir; Deus para não ser molestado a toda a hora, acabaria por nos dar o necessário para uma boa temporada, durante a qual o deixaríamos sossegado com nossas lamentações.

Isto é rematada loucura. Ou a parábola está mal contada, ou Jesus nunca a teria apresentada porque Jesus era, apesar do que pretendem os evangelistas, uma criatura em que havia o bom senso e equilíbrio.

A parábola do bom pastor, João capítulo 10, é igualmente disparatada, porque no versículo 2 ele (Jesus) teria dito que era o pastor que entra pela porta do aprisco das ovelhas; no entanto, o mesmo evangelista em outro versículo também lhe atribui a declaração de que ele é a porta. Ora, se Jesus disse que o pastor é que entra pela porta, se ele é o pastor e ao mesmo tempo a porta, chega-se à conclusão de que ele entraria por si mesmo para chegar ao aprisco. Este jogo de palavras até parece um quebra-cabeça.

Mas temos outra para amostra, para demonstrar a moralidade que se atribui a Jesus nas páginas evangélicas, e para se constatar como esses livros conspurcam e desvirtuam a verdade, a personalidade de um homem que teve grandes ideais e que não foi compreendido no seu tempo, nem o está sendo hoje.

Lucas, no capítulo 19, versículos 12 a 26, conta, como tendo sido Jesus o autor do absurdo, que um rei dera a vários criados diferentes importâncias para que lhes dessem a aplicação mais rendosa possível durante sua ausência. Um dos criados, medroso de perder o capital de que tinha que prestar contas, embrulhou a moeda em um lenço, e mais tarde devolve-a intacta ao tal rei, sem juros, alegando que com medo a guardara, pois conhecia bem a rispidez do patrão e a exigência absoluta que lhe era peculiar. Então o tal rei, cheio de cólera, depois de repreender o mais asperamente possível o criado medroso que não lhe fizera a moeda render juros, toma-lhe a moeda e manda dá-la àquele que mais lucro lhe tinha proporcionado, alegando que àquele que já tinha mais lhe seria dado, e àquele que nada tinha ser-lhe-ia ainda tirado o que por acaso pudesse ter, em seguida ao que, mandou fazer uma terrível chacina nos inimigos que o tinham forçado a estar ausente.

Se com esta doutrina se pretende aqui representar Deus, não há dúvida que é uma linda moral que se atribui a Jesus. Nem precisamos fazer comentários.

Nos demais ensinamentos do Mestre, por mais que se os pretenda realçar nos escritos evangélicos, não se encontra muito sabor de novidade. Mateus, em seu capítulo 5, versículo 43, põe na boca de Jesus o mandamento do amor ao próximo como sendo coisa nova e original. Mas o Talmude também refere à passagem de um gentio qualquer que foi à presença de Hillel, prometendo converter-se se este lhe fizesse uma síntese ligeiríssima da lei, ao que lhe teria sido respondido: “O que é odioso para ti não o faças aos outros. Esta é a síntese da lei, e o resto são comentários”.

Mas, sem irmos ao Talmude, também no Velho Testamento encontramos no Levítico a ordem de amar o próximo, com a proibição formal de ódio aos gentios, bem como no Êxodo onde se ordena o amor aos inimigos.

Logo, o evangelista caiu em grave erro ao atribuir a Jesus as seguintes palavras: “ouvistes o que foi dito: amarás a teu próximo e aborrecerás o teu inimigo”. Ou Jesus não conhecia o Velho Testamento, ou não poderia ter dito isso.

Vamos, agora, entrar em outra ordem de idéias para vermos quanta falta de modéstia os evangelistas, especialmente o quarto, atribuem a Jesus. Não olhemos para esta longa apreciação como uma irreverência, mas sim, com uma certeza firme da necessidade de estudo e observação, para não sermos por mais tempo empolgados por escritos que nenhum valor histórico têm.

Em João, capítulo 6, versículo 51, atribui-se a Jesus a declaração formal de que ele ter-se-ia dito ser o “pão vivo descido do Céu, e que teria a vida eterna quem o comesse”. Não faltará quem pretenda ver nesta passagem uma referência aos ensinamentos de moral. Mas, Jesus não teria dito que “dava o pão vivo descido do Céu”, mas sim que ele mesmo era esse pão, o que não deixa de ser meio dogmático, embora de acordo com a doutrina da encarnação do Logos, do Verbo feito carne. O que isto serviu foi para justificar a Eucaristia, donde se depreende facilmente que esse arrojo de orgulho atribuído a Jesus foi apenas uma interpolação da Igreja.

Em Mateus, capítulo 11, versículo 27, Jesus teria dito que ele era o único que conhecia o pai, e que era igual ao pai, conforme capítulo 14, versículo 9 do quarto evangelho onde se lê: “aquele que me viu, viu o pai”. Porém muito significativo também é o que se lê no quarto evangelho, capítulo 20, onde o descrente Tomé, ao por a mão nas chagas de Jesus ressuscitado

exclama: “Senhor meu e Deus meu”. Jesus em vez de repelir o qualificativo de “Deus”, confirma-o por estas palavras: “porque me viste creste; bem-aventurados os que não viram e, no entanto, acreditaram”. Aí temos, pois, Jesus confessando ser o próprio Deus.

As afirmações temerárias deste gênero pululam, sobretudo no quarto evangelho, pois também no capítulo 8, versículo 12, se lhe dá autoria desta audaciosa declaração: “eu sou a luz do mundo”. Como arrojo e audácia, tudo isto é bem expressivo, e custa admitir-se que Jesus o tenha dito, a não ser que se julgasse a si mesmo um Deus, que é afinal o que insinua o autor do quarto evangelho.

O que aí fica já seria suficiente para podermos indagar a qualquer um: afinal que espécie de moral trouxe Jesus ao mundo?

Vários comentadores entre os quais Cohen, no seu livro intitulado “Os deicidas”, já provaram com citações autênticas que Jesus não fez mais do que repisar passagens do Velho Testamento, e vários ensinamentos israelitas, pois a maioria das parábolas por ele empregadas já eram vulgares nas academias judaicas.

Se analisarmos a parábola do semeador, constataremos outra doutrina esquisita, pois no versículo 12, capítulo 13, ele concluíra dizendo que “ao que tem se lhe dará e terá em abundância e ao que não tem, até o que possa ter lhe será tirado”. Isto não deixa de ser um tanto exótico, pois aquele que tem já está servido, e quem nada tem é que precisa. O contrário disto é norma de agir de usurário, portanto de moral negativa.

Em seguida, Jesus declara que fala por parábolas para que não o compreendam. Então, para que é que falava?

Reparemos, agora, no espírito de vingança que transpira no caso da figueira, de que fala Mateus, capítulo 21, versículo 18, bem como Marcos e Lucas. Note-se de princípio que Marcos frisa no capítulo 11, versículo 13, que não era tempo dos figos. Pois, apesar disso, Jesus não hesitou em amaldiçoá-la, só porque não tinha figos e ele estava com fome, resultando disso ela secar imediatamente. Como poderia a pobre figueira ter frutos, se não estava na época?

Isto faz lembrar até as façanhas do Jesus-menino cruel e vingativo de que fala o Evangelho da Infância, livro apócrifo tirado da circulação, mas de que temos à vista uma tradução antiga. No capítulo 46 desse escrito lê-se que um menino destruíra a Jesus uns brinquedos por este fabricados junto a um poço, ou poça de água, represada, e que imediatamente essa água se escoara, tendo o menino Jesus, no auge da irritação, exclamado: “assim como esta água se secou, assim se secará também a tua vida”. E logo o menino morrera, por efeito da maldição de Jesus.

Poderá dizer-se que esta narrativa é tirada de um evangelho apócrifo; é exato, mas o que também é certo é que a doutrina expressa é a mesma: a de vingança cruel.

Especial menção deve merecer, também, o que se põe na boca de Jesus, em Mateus, capítulo 19, versículo 24, o caso do camelo passar pelo fundo de uma agulha. Segundo a teoria que ali está, um rico nunca, note-se bem, nunca, teria salvação pois é intuitivo que jamais um camelo poderá passar pelo furo de agulha; a não ser que se trate de uma agulha de tamanho descomunal, que nesse caso não seria mais uma agulha. Só um mentecapto lançaria tão hiperbólica afirmativa.

Aqui temos a considerar dois aspectos psicológicos: ou Jesus era nesse tempo um revoltado contra as privações que o haviam cercado na infância e na adolescência quando fora para o Egito trabalhar, mostrando desta forma sua ojeriza para com os ricos e os bem postos na vida, ameaçando-os de jamais entrarem no seio de Abraão, como se vê também em Lucas, capítulo 16, versículo 25, ou então, como um verdadeiro doutrinador, queria indicar a dificuldade dos ricos se salvarem; mas os pobres não terão também essas dificuldades, pelo desespero em que muitas vezes se encontram?

Em qualquer caso, um camelo passar pelo fundo de uma agulha ... é forte demais.

Essa expressão atribuída a Jesus tem, todavia, uma explicação, de acordo com o que constatamos em um velho alfarrábio de origem judaica, que é racional e tira esse aspecto de

absurdo disparate. A cidade de Jerusalém era toda cercada de muralhas, nas quais havia diversas portas que comunicavam com o exterior. Ao lado norte havia uma estreita passagem cuja conformação era a de um autêntico furo das agulhas hoje conhecidas, à qual se dava o nome de “Hirkelia”, que em português significa literalmente “entrada apertada”.

Os tradutores batizaram essa porta, que unicamente servia para pedestres, com o nome de “furo de agulha” e não se aperceberam que estavam adulterando o sentido primitivo que Jesus tinha dado à expressão empregada. Esta explicação é aceitável; porém, como está nos evangelhos é impossível compreender, se não se for um pouco versado no assunto e na linguagem evangélica, porque um camelo passar pelo furo de uma agulha é realmente inconcebível.

Muitos comentadores têm detido sua atenção sobre o Sermão da Montanha, analisando os ensinamentos e preceitos de moral nele contidos. Já houve até quem afirmasse que os únicos pontos aproveitáveis da pregação de Jesus estavam no Sermão da Montanha, pondo à margem tudo o mais que existe pelos evangelhos.

Não vemos, porém, a razão disso, porque nem o próprio Sermão da Montanha apresenta coisa alguma com sabor de novidade.

Com um minucioso exame dos textos do Velho Testamento, pode recompor-se quase todo o conteúdo desse célebre sermão, visto que a lei mosaica tem por base princípios que abrangem a vida inteira da criatura.

Encontramos no Deuteronômio, capítulo 4, versículos vários apontando a ordem de amar e obedecer a Deus, assim como no capítulo 5. No Levítico, capítulo 19, novamente se consubstancia toda a lei em relação a Deus e ao próximo.

Essa observação levou H. Rodrigues, na sua obra. “Origem do Sermão da Montanha”, a dizer: “Jesus fez exatamente o que antes dele tinham feito outros rabinos e fariseus; lembrou e repetiu velhas máximas e preceitos, fazendo uma reedição corrigida e aumentada do que já existia”.

Efetivamente, Simão o Justo, que viveu muito antes dos Macabeus, já proclamava: “o mundo descansa sobre estes três postulados: a lei, o serviço de Deus e a caridade”.

De uma forma geral, depois de uma análise profunda e imparcial, pode concluir-se por esta afirmativa: a moral evangélica ou se refere a fatos milagrosos, e nesse caso sua autenticidade é mais do que suspeita, ou então tem o caráter acentuado de interpolações visíveis e adaptações tiradas do Velho Testamento.

Esta é que é a dolorosa verdade para os que pretendem ver nas páginas evangélicas a única tábua de salvação para a humanidade.

E, como encerramento deste capítulo, vamos fazer ponderações sobre a entrada de Jesus em Jerusalém, fato que, a ser verídico, deve estar exageradíssimo na narrativa evangélica.

Os três evangelhos sinóticos estão de pleno acordo em dizer que a entrada em Jerusalém foi um acontecimento que alterou a vida normal da cidade, assumindo as proporções de grande fato nacional, tendo-se formado grande cortejo com ruidosas aclamações que vinham de todos os lados. Lucas chega a ponto de dizer que o aclamavam como rei, conforme se lê no capítulo 19, versículo 38, a mesma coisa dizendo João no capítulo 12, versículo 13.

Em primeiro lugar, é incompreensível que nenhum dos historiadores da época, Josefo, Tácito, Suetônio, e outros não façam menção alguma de tal fato; em segundo lugar, é evidente que se isso aconteceu como pretendem os evangelistas, deve ter sido uma espécie de amotinação popular, pois se o aclamavam como rei, caracterizava-se uma falta de respeito às leis vigentes. Como teriam as autoridades judaicas e romanas consentido nisso?

Também não se concebe muito bem que esse povo o aclamasse tão delirantemente e dias depois lhe exigisse a morte em altos brados.

A nosso ver, o que existe nesta passagem é a tentativa dos evangelistas em proporcionarem uma exaltação, uma apoteose ao herói de suas narrativas, para elevá-lo no conceito das comunidades cristãs para as quais escreveram.

Não contestamos a entrada de Jesus na cidade; o que observamos é que deve haver muito exagero na forma como ela nos é discriminada nos evangelhos.

A propósito, e a título de curiosidade, sem de forma alguma perfilharmos a sua veracidade, mencionamos aqui a forma como nos é descrita a entrada na cidade de acordo com uma velhíssima narrativa do segundo século, intitulada “Toldos Jeschu”, Vida de Jesus, obra de origem hebraica de que temos em mãos uma tradução de 1663, de Gustave Brunet, coisa raríssima hoje.

Não se sabe ao certo quem tenha sido o autor desse trabalho; conjectura-se apenas – pelo seu texto, e por ter sido escrito em hebraico – que seja obra de um judeu. circunstância que já seria suficiente para nos inspirar muitas reservas sobre a veracidade de tudo o que ali se encontra.

Trata-se, porém, de uma curiosidade, e é como tal que vamos fazer aqui uma síntese do que ali se refere em relação à entrada de Jesus em Jerusalém.

Lê-se em “Toldos Jeschu” que Jesus era filho ilegítimo de Maria, produto de uma fraqueza dela, e que por esse motivo, sendo menino ainda, fora excluído da Congregação (escola, talvez), o que muito o irritara.

No templo existia o Santo dos Santos, vedado aos leigos, recôndito onde se encontrava gravado numa pedra o nome inefável do Ser Supremo, com outras palavras mágicas cabalísticas que davam a quem as copiasse o poder de fazer toda a espécie de milagres e prodígios.

Jesus, irritado pela expulsão de que fora vítima, aplicada pelos mestres e sacerdotes, conseguiu por meio astuciosos penetrar no Santo dos Santos, e burlando toda a vigilância existente copiou num pedaço de pergaminho todas as palavras que constituíam o grande segredo, e ocultando muito cuidadosamente o que havia feito saiu.

Uma vez na rua, dirigiu-se para Belém, onde principiou a fazer toda a sorte de proezas e curas milagrosas só com a invocação das palavras sagradas e contacto com o pergaminho onde estavam escritas, proclamando-se o filho de Deus, o enviado, e nascido de uma virgem.

O povo, simples e crédulo, foi-lhe dando crédito e dentro de poucos dias falava-se já em Jerusalém dos prodígios por ele operados, porque acorriam de todos os lados os leprosos, doentes, possessos e paralíticos que ele ia curando com os poderes adquirido, chegando ao ponto de ser considerado quase um Deus encarnado.

Foi, então, que os príncipes da sinagoga de Jerusalém combinaram entre si combatê-lo, julgá-lo e condená-lo à morte, atraindo-o à cidade com um astuto convite hipócrita. Foram portadores desse convite os anciãos Ananias e Achasia, os quais, prostrando-se na frente de Jesus, disseram:

— Os virtuosos chefes da cidade e sacerdotes mandam pedir-te que vás ao encontro deles, pois já ouviram falar de teus prodígios e divinos poderes.

— Irei, mas com a condição de que todos eles, os chefes da Sinagoga, me recebam com as honras devidas a seu senhor e mestre.

Aceitas as condições impostas, puseram-se a caminho e ao chegarem a Naba, cidade próxima a Jerusalém, Jesus exigiu que lhe trouxessem um jumento dos melhores que existissem, no qual montou, entrando, assim, na Cidade Santa, e exclamando para os que vinham ao seu encontro por curiosidade ou por qualquer motivo:

— Eu sou o filho de Deus, e foi de mim que falou o profeta Zacharias quando disse “eis que a ti vem o teu rei, pobre e montado num burro.”

Jesus caíra na armadilha, do que lhe resultou a morte dias depois.

Voltaremos a falar desta narrativa e deste velho escrito apócrifo, pois é interessante como ele descreve o que se passou depois da entrada em Jerusalém. Por agora, queremos apenas chamar a atenção dos leitores para o quanto há de maravilhoso em tudo isso.

Não se pode aceitar como autêntica a narrativa de “Toldos Jeschu”, mas, também, não se pode ter como tal a versão evangélica, evidentemente exagerada e interpolada.

E para encerrarmos este capítulo, vejamos o que escreveu Celsio a respeito da moral preconizada nos evangelhos: “todos os preceitos de moral, todas as verdades contadas nos escritos cristãos antigos são comuns aos demais povos, e foram mais bem expostas pelos gregos, sem as ameaças ridículas nem as promessas de recompensas problemáticas atribuídas a Jesus”.

E, realmente, é fácil constatar que os grandes filósofos da Grécia nunca disseram nem escreveram que era preciso neles acreditar, sob pena de maldições; fizeram o que fazem os verdadeiros sábios: propuseram e não impuseram.

E por toda esta longa série de considerações e análises, acabamos de ver que na moral evangélica nada há de novo; para mais nos certificarmos disso, vamos ver também como muitas centenas de anos antes de Jesus se davam ao povo chinês elevadíssimos preceitos filosóficos de origem transcendental e divina.

Recuemos ao passado.

5. BELEZA E SUBLIMIDADE DOS ENSINOS DE CONFÚCIO

A civilização chinesa é, sem dúvida alguma, a mais antiga da Terra. Remonta, segundo documentos da história da China, apenas a um milhão e duzentos mil anos antes da nossa era. Os documentos compilados no “Chou-king”, ou “Livro por excelência”, são os mais antigos na história dos povos, sobretudo nos primeiros capítulos.

O “Chou-king” foi coordenado por Khoung-Fou-Tseu (Confúcio) na segunda metade do século sexto antes da nossa era, e tem a seu favor a circunstância de não terem sido alterados os originais de forma alguma, nem em uma vírgula, se vírgula houvesse no alfabeto chinês, por esse grande filósofo que tinha o mais profundo respeito pela antigüidade, do que resulta admirar-se nessa obra formidável a razão e o sentido eminentemente moral que ali se respira. Não há ali senão uma grande cultura moral, limpa de crenças impuras, de demônios, de possessos, de invectivas contra estranhos, e o fato de ser nele repudiada a crença em sinais de sortilégios é muito importante para a história da humanidade.

As idéias contidas no “Chou-king” sobre a divindade, sobre a benéfica e salutar influência que esta exerce constantemente nos sucessos do mundo, são muito puras e dignas.

A doutrina preconizada por Confúcio acha-se compilada nesse livro, e mais nos quatro seguintes, que eram denominados “Os sagrados livros clássicos” com esta discriminação: TA-HIO, ou “Grande estudo”, que ensina a raciocinar dentro de uma lógica segura e infalível; TCHOUNG-YOUNG, ou “A invariabilidade no meio”, cuja finalidade era elucidar o homem sobre os princípios da mais elevada metafísica, contendo princípios que não eram dogmáticos, colhidos apenas na razão e no sentimento, mas preceitos fundamentados sobre a natureza do homem e as leis eternas que regem o mundo; LUN-YU, ou “Entretenimentos filosóficos”, onde a par de grandiosos ensinamentos de humildade e modéstia, aconselha o estudo, a indagação da verdade, sem amor próprio nem vaidade, vingança, nem temor. E expondo a sua bela alma, dizia Confúcio: “eu não nasci dotado de ciência; sou um homem que ama os antigos e fez todos os esforços para adquirir seus conhecimentos”; e, por fim, o MENG-TSEU, onde expõe que a maior felicidade consiste em desejar a felicidade da humanidade inteira.

Havemos de concordar que preceitos de moral tão elevada, e tão alto alcance, impressionam tanto pela sua beleza e simplicidade, que chega a parecer incrível que os evangelistas queiram atribuir a Jesus algumas pequenas máximas de que fazem referência muito vaga e confusa, enxertando-lhes citações que, por completo, desfiguram a pessoa do Mestre, apresentando-o como intolerante e irritadiço, quando não é como propagador de doutrinas incoerentes.

Vamos, agora, proceder a uma rápida análise de preceitos moralizadores existentes nos quatro livros a que acabamos de fazer referência, e constataremos que se alguma verdade atribuíram os evangelistas a Jesus, a maior de todas foi a que lhe pôe na boca as seguintes palavras: “eu não vim derrogar a lei, mas dar-lhe cumprimento”.

É que, como ficou dito atrás, a moral é uma lei de origem magnificente, existente desde toda a eternidade. Não é uma obra dos homens, é obra do Criador colocada na nossa razão e raciocínio. O ser que a ela se cinge em todas as contingências da vida terrena ou astral caminha por uma senda reta e rápida; o que prefere as tortuosidades demora mais a chegar ao fim da viagem consubstanciada na perfeição suprema, mas lá chegará, também, mais cedo ou mais tarde.

Teria Jesus conhecido a filosofia de Confúcio?

Talvez o possamos afirmar porque, sendo ele um espírito de grande evolução, conhecia as leis eternas como ninguém, e as tinha compreendido em toda a plenitude, podendo constatar-se isso em vários pontos de contacto entre a filosofia confuciana e algumas das pregações moralistas que ele disseminava entre os que o ouviam.

A analogia mais perfeita é nesta passagem em que o doutrinador chinês dizia aos seus discípulos: “a minha doutrina é simples e fácil de penetrar”, que se encontra no livro intitulado LUN-YU, capítulo IV, parágrafo 15.

A semelhança é perfeita com o que está em Mateus 11, versículo 30, onde se diz que Jesus sentenciava: “o meu jugo é suave e o meu peso é leve”.

No TA-HIO, sobressai como principal ensino o “aperfeiçoamento de si mesmo”, proclamado pelo filósofo chinês como princípio fundamental e obrigatório para todos os homens, desde o mais elevado até o mais humilde, o que se encontra também nos ensinamentos de Jesus, embora sob diversos aspectos e palavras.

No TCHOUNG-YOUNG, faz ver que a via reta ou regra da conduta moral, que obriga todos os homens, tem a sua base fundamental no Céu, donde se origina, e que não pode mudar; que sua substância verdadeira, sua essência própria, existe completamente em nós, e que não pode ser separada.

Depois fala do dever de conservar esta regra de conduta moral, de a ter constantemente presente aos olhos; enfim, diz que é pelas suas obras que o homem dentro da justiça e da retidão se aproxima da Inteligência Universal, tornando-se cada vez mais puro e mais sábio. E acrescenta, ainda, que é pela prudência esclarecida, pela benevolência universal para com todos os seres e pela força de vontade e perseverança no cumprimento do dever que o homem entra pela porta que leva ao caminho reto que devem seguir todos os homens.

E no MENG-TSEU, vamos encontrar o preceito exatamente igual ao ensinado por Jesus, que consiste no amor ao próximo, constante, também, da lei mosaica no Velho Testamento.

Mas não cabe no estreito âmbito deste desprezioso trabalho fazer uma apreciação detalhada da doutrina de Confúcio, o que seria só por si assunto para longas explanações.

Pela pequena amostra dada, verificamos que nas filosofias da antiguidade há coisa muito mais clara e positiva do que nos compêndios evangélicos invocados e citados a toda a hora, nos quais correntes diversas e diametralmente opostas foram fazendo acréscimos de lendas, superstições e pontos de vista puramente sectaristas.

Daí resultou que os evangelistas, a poder de tanto quererem elevar a pessoa de Jesus atribuindo-lhe coisas que nunca deve ter dito e proezas que nunca deve ter praticado nem pensado, transformaram a sua pessoa em um mito, ou pelo menos em uma individualidade abstrata que não pode ser bem definida nem classificada dentro dos aspectos antagônicos com que no-lo apresentam.

É provável que dentro do espiritismo alguém pretenda argumentar que Kardec tem uma obra denominada “O Evangelho segundo o espiritismo”, e, com isso, sustentar a necessidade do evangelho. Isso seria pretender dar vida a um cadáver putrefato.

Não confundamos; Kardec não escreveu um evangelho para o espiritismo, nem jamais deixou afirmada a necessidade dele; o que salientou foi a necessidade da moral, sem ter nunca atribuído os evangelhos à autoria de Jesus nem dos evangelistas, como hoje se faz muito enfaticamente quando, sem raciocínio nem esclarecimentos, se diz “os evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo”, etc.

Kardec principia mesmo por dizer na introdução de sua obra que o lado histórico e narrativo é susceptível de controvérsias, aproveitando-se apenas o lado moral que é um campo comum onde todos os cultos podem encontrar-se. Logo, é ele mesmo quem nos diz que não merece fé o que se acha escrito nos evangelhos, e que a moral não é privativa deles.

Também é ele quem diz que muitas das parábolas atribuídas a Jesus são incompreensíveis porque nos falta a chave delas; mas não é possível negar que o que falta a muitas delas é o bom senso, como já demonstramos.

Admitindo-se mesmo que assim seja, se nos falta a chave para compreendê-las, estão inutilizadas para nós. Por que nos havemos, então, de deter na tentativa de decifrar hieróglifos?

Mas, passemos a outra ordem de estudos, elucidativos e comprovantes de que é verdade o que temos até agora sustentado, isto é, a falta de autenticidade dos escritos evangélicos e do embaralhamento em que se perde quem os pretenda compreender e decifrar.

6. NASCIMENTO, VIDA, MORTE E RESSURREIÇÃO DE JESUS

Comentando historiadores

Como já ficou acentuado, é inteiramente impossível hoje levantar-se uma biografia de Jesus, baseada nos dados e citações evangélicas. É preciso recorrer aos historiadores da época para obter-se alguns informes insuspeitos; no entanto, a projeção que teve na história judaica Jesus, e os fatos com ele relacionados, foram tão pouco sensíveis que encontramos apenas vagas referências em alguns deles, deixando-nos novamente sem um fundamento histórico para o objetivo que se tenha em vista.

Isso é uma prova de que os evangelhos estão, como já dissemos, interpolados e exagerados, visto que os demais historiadores da época pouco ou nada falam sobre o assunto.

Josephus, o mais completo e minucioso dos historiadores judeus, escreveu aí pelo ano 70 da Era Cristã, e refere-se a João Batista, cuja morte ordenada por Herodes, menciona.

No entanto, não faz alusões à pregação de Jesus. Esse silêncio, ou pouco caso, causou tanta impressão que mais tarde fez-se um enxerto nas “Antiguidades Judaicas”, acrescentando estas expressões, mais do que suspeitas, evidentemente de origem apócrifa: “por essa época apareceu Jesus, homem sábio, se como homem pode ser considerado. Fez coisas maravilhosas, foi o mestre daqueles que desejavam receber a verdade espontaneamente, convertendo e atraindo muitos judeus e gregos. Era o Cristo. Por denúncia dos principais da nação, Pilatos condenou-o à cruz; mas os que desde o princípio o tinham amado não deixaram de o respeitar, porque ao terceiro dias ressuscitou como tinha sido prometido por ele e pelos profetas. Ainda hoje subsiste a seita que por causa dele se chama cristã”.

É mais do que evidente que estas palavras não podem ser de Josephus, porque este não era cristão; um judeu como Josephus não escreveria assim de Jesus; ou silenciava, ou escrevia hostilmente, o que os copistas sob a influência cristã não deixariam passar.

Um outro historiador, também da época, cujos trabalhos no século IX ainda subsistiam, nada falava de Jesus. Era Justo de Tiberíades, cujo silêncio foi até tomado pelos cristãos como má vontade para com eles.

Suetônio, aí pelo ano 50, diz que os judeus expulsos de Roma por Cláudio se revoltaram mais de uma vez por instigação de Cristo.

É admissível que o historiador não se refira a Jesus, porque se ele dizia que era o Cristo quem os instigava naquela época, é provável que se tratasse de qualquer outro personagem com tal nome, porque Jesus, então, já deveria ter morrido há muito, não podendo, portanto, estar instigando rebeliões, ele que era tão prudente em relação a César e às leis, como se vê pelo pagamento de imposto para o qual chegou ao ponto de mandar vir a respectiva moeda na boca de um peixe, segundo a lenda evangélica, e mais ainda pela recomendação de dar a César o que era de César.

No entanto, pelo que vamos ver adiante, não se pode negar nem afirmar que Suetônio se referisse a Jesus, por não haver certeza absoluta da data do nascimento do Messias.

Nos historiadores não cristãos, achamos a primeira referência digna de atenção em Tácito, quando nos “Anais”, aí pelo ano 100, fala das perseguições ordenadas por Nero. Esse historiador apresenta os cristãos com aspectos tão deprimentes e odiosos que mais tarde tentou-se refutá-lo, mas sem resultado.

Aqui é claro que ele fala de Jesus, pois menciona o suplício que Pilatos lhe infligiu, sob o reinado de Tibério.

Deduz-se, então, que os historiadores contemporâneos ou pouco sabiam de Jesus, ou que este pouca importância social teve a não ser no círculo restrito de amigos e adeptos, que se

encarregaram de arquitetar uma história empolada para impressionar os crentes, mas que por isso mesmo se tornou suspeita sob o aspecto histórico.

Nascimento de Jesus

Não se admitindo a teoria da Escola de Alexandria, de ser “O Verbo Encarnado”, é também completamente impossível precisar a data em que Jesus tenha nascido. Vamos, todavia, vasculhar os arquivos do passado para ver o que por lá existe.

O “Toldos Jeschu”, trabalho a que já nos referimos, de origem hebraica, diz que Jesus era o filho de uma jovem Miriam, casada com um virtuoso velho chamado Jochanan, mas produto de uma infidelidade dela, devido ao que o venerando ancião muito pesaroso se retirou para a Babilônia, abandonando o lar.

Não esposamos tal parecer, tanto mais que nenhuma garantia de autenticidade existe a respeito desse escrito, mas constatamos que há aqui pelo menos um indício de que Jesus viera ao mundo como qualquer outro ser humano, de acordo com as leis naturais.

Nos evangelhos da Vulgata Latina faz-se menção de que José, ao ver o estado interessante de Maria, se perturbou; isso mesmo se encontra no apócrifo chamado “Evangelho de S. José”, capítulo 6.

No “Evangelho da Infância”, capítulo 1, diz-se que foi Jesus que depois de nascer, deitado no berço, falara à mãe dizendo-lhe a origem divina e a encarnação miraculosa, o que não deixa de ser uma boa infantilidade, pois ninguém melhor do que Maria deveria saber se a encarnação fora miraculosa ou não; além disso, uma criança recém-nascida já falar é um tanto prodigioso.

No Proto-Evangelho de Tiago Menor, capítulo 13, José vendo o estado de Maria dirige-lhe as mais ásperas censuras, acusando-a de infiel durante a sua ausência, e só depois de uma pantomima dos sacerdotes do templo procurando convencê-lo da concepção angélica, é que o bom velho se deixou convencer, ou pelos menos se calou. Sem comentários.

No “Evangelho da Natividade de Maria e Infância do Salvador”, cuja autoria alguns atribuem também a Tiago Menor, lê-se no capítulo 10 que José voltando de Cafarnaum, onde trabalhava, ao fim de 9 meses, ficou aterrorizado vendo o estado de Maria, pedindo a morte em altos brados por causa da grande vergonha de que se achava possuído, e como algumas amigas de Maria tentassem convencê-lo de que tinha sido obra de um anjo que todos os dias vinha ter com ela, ele replicou que não era admissível tal desculpa, a não ser que alguém se tivesse disfarçado em anjo para seduzi-la. No entanto, foi obrigado a aceitar os fatos consumados, para os quais não havia mais remédio algum.

O “Evangelho de Nicodemos” é omissivo sobre a infância de Jesus, apenas fazendo menção da prisão, morte, descida aos infernos – muito prolixo sobre este assunto – e ressurreição.

Em suma, todos os apócrifos que consultamos levam-nos à conclusão de que a lenda da encarnação miraculosa foi extraída de alguns desses velhos escritos.

Dir-se-á que não merecem fé por serem apócrifos, porém, menos autoridade ainda têm os canônicos, que apócrifos são também, se levarmos a rigor a análise circunstanciada. A Igreja sobre este assunto é a que menos autoridade tem para falar, porque a ela cabe a responsabilidade das alterações, interpolações, e extravio de manuscritos que poderiam fazer luz sobre assunto tão debatido.

O que, no entanto, não deixa de ser notável é que o dogma da SS. Trindade tenha sido decretado pelo Concílio de Toledo, muito depois de instituída a Igreja, dando-se, assim, existência oficial à terceira pessoa dessa trilogia e, antes dessa existência oficial, já ela estivesse fazendo concepções miraculosas, como se depreende das narrativas evangélicas onde se diz que tudo fora obra do Espírito Santo.

É o caso da velha anedota – antes de ser já era, mesmo sem saber-se o quê.

A Igreja, porém, assim o determinou: “Fides autem catholica haec est, ut unum Deum in Trinitate et Trinitatem in Unitate veneremur – porém a fé católica consiste em que veneremos Deus na Trindade e a Trindade na Unidade”.

Quando nasceu Jesus?

Pouco se sabe de positivo, ou quase nada. Mateus dá-o como realizado no reinado de Herodes; Lucas, na ocasião do recenseamento que teve lugar dez anos depois, e esse mesmo evangelista atribui-lhe 30 anos no 15º de Tibério, 29 de nossa era, quando diz ter-se dado o batismo de João.

O quarto evangelho, no capítulo 8, versículo 57, põe na boca dos fariseus a declaração de que ele não tinha ainda 50 anos, mas nesse caso teria, digamos, perto de 49, e sua morte ter-se-ia dado não sob o reinado de Tibério, mas de Cláudio, o que então viria a estar de acordo com Suetônio que relata rebeliões por instigação de Cristo.

Por outro lado, também deve considerar-se que, se Jesus nasceu no ano do recenseamento e viveu 49 anos, sua morte deu-se sob o império de Nero, opinião, aliás, muito espalhada entre os cristãos de Jerusalém.

Em resumo, não se sabe nem se chega a uma conclusão satisfatória sobre o lugar onde ele viu a luz da vida. Os cristãos pretendem que tenha sido em Belém, mas se considerarmos a pretensão que sempre houve de fazê-lo descender do ramo de David compreende-se a preferência dada a essa cidade, no que Lucas é bem concludente, dizendo que era então Públio Sulpício Quirino governador da Síria.

Ora, Quirino foi prefeito da Síria no ano 6 ou 7 da nossa era, época em que a Judéia se tornou província romana, o que então nos levaria à conclusão de que Jesus tinha nascido seis ou sete anos depois da data que lhe querem atribuir.

O que não se compreende é a razão da viagem que José e Maria tenham feito para Belém por causa do recenseamento, que poderia ter sido feito em Nazaré, porque o decreto não mandava que ninguém fosse, para isso, à cidade de origem.

Em “Toldos Jeschu”, trabalho em que não há a influência dos primeiros cristãos, com um caráter inteiramente judaico, o autor, qualquer que ele tenha sido, afirma que o nascimento se deu em Belém, o mesmo se verificando em outros, como já fizemos notar.

O que há de positivo e certo é que nos evangelhos nada há de certo e positivo a tal respeito. É sempre o terreno da dúvida e da contradição, como entre Lucas e Mateus, afirmando um que foi em Belém e outro que o foi em Nazaré.

A prisão e morte de Jesus

Prometemos, nas páginas anteriores, terminar a lenda de “Toldos Jeschu” em relação à prisão e morte de Jesus. Sem lhe esposarmos a autenticidade com já fizemos sentir, vamos continuar a narrativa hebraica sintetizando-a o mais possível.

Caindo na armadilha que lhe haviam preparado os sacerdotes de Jerusalém, Jesus ter-se-ia deixado empolgar exigindo que o levassem triunfalmente pelas ruas da cidade.

Uma vez entrado na Cidade Santa, mudou-se o cenário, e os que o haviam aplaudido a princípio, e reverenciado como um iluminado, tiraram a máscara mostrando o que realmente eram: rancorosos inimigos.

Por essa ocasião, governava não Herodes nem Pilatos, mas a rainha Helena, que outros chamavam Oleina, viúva do rei Janés, a quem o levaram declarando: “este homem é digno do último suplício porque seduz o povo; permite que nos apoderemos dele”.

Há, por essa ocasião, um longo diálogo entre a rainha e os aprisionadores de Jesus, pois notava-se a franca disposição em que ela estava de salvá-lo, por ter presenciado as maravilhas que ele realizara também na sua frente.

Em determinada ocasião, como estivesse eminente a liberdade dada pela rainha, os sacerdotes amotinam o povo e proferem as maiores ameaças contra a soberana que se vê obrigada a usar de violência e expulsar de sua presença os acusadores pondo em liberdade o prisioneiro.

Os sacerdotes reúnem-se em conselho e deliberam que um entre eles, chamado Judas, entre no Santo dos Santos do templo e, depois de copiar as palavras mágicas e o nome inefável, com os poderes adquiridos, principie realizando publicamente os mesmos prodígios para desmascarar Jesus.

Há, então, o duelo de milagres e maravilhas, cada qual mais humorístico, até que por fim Judas, para vencer Jesus, aproveita-se de um descuido dele e mancha-o com qualquer coisa que o decoro nos impede de citar aqui, quebrando-se o poder maravilhoso que ele tinha.

Para ver-se livre da população que o queria apedrejar incontinenti, os discípulos e amigos de Jesus combateram contra os sacerdotes, e ele conseguiu fugir da cidade indo purificar-se nas águas do Jordão, com o que voltou a adquirir os antigos poderes.

Novas maravilhas e prodígios se realizam e os sacerdotes concertam entre si que Judas vá, por meios astuciosos, arrancar-lhe o pergaminho em que estavam escritas as palavras cabalísticas, o que faz aproveitando-se do sono dele. Jesus vê-se vencido e combina com seus amigos encontrarem-se todos em Jerusalém mais tarde, onde ele procuraria entrar disfarçadamente aproveitando a confusão da festa dos Ázimos, mas novamente, Judas se torna senhor do segredo, (pois Jesus tentava mais uma vez penetrar no Santo dos Santos para copiar as tais palavras), e entre ele e os sacerdotes fica combinado que por meio de um beijo ele indicaria aos soldados quem era o que devia ser preso, e assim se fez.

Após idas e voltas à presença do Sinedrin, é resolvido que ele seja morto, não entrando aqui nem Pilatos, nem a tal rainha Helena, nem outra autoridade se não a da Sinagoga.

Conduzido ao lugar do suplício, foi ele morto, porém à pedrada e não crucificado. Depois de morto é que o enforcaram. E ainda foi Judas mais uma vez quem ficou incumbido de subtrair o corpo aos discípulos e amigos, os quais não o achando no túmulo, divulgaram a notícia de que Jesus havia ressuscitado como tinha prometido.

Estamos muito longe de pretender impor ao leitor o que aí fica como coisa autêntica; apresentamos essa lenda mais a título de curiosidade do que outra coisa. No entanto, chamamos a atenção para algumas analogias, que não deixam de ser curiosas. Judas é o traidor; o Jordão é o lugar para onde Jesus corre a purificar-se; a volta ao estado de pureza e poder sobrenatural após a purificação; o desaparecimento do corpo, etc.

Pondo-se, porém, à margem essa lenda de “Toldos Jeschu” por inverossímil, fica-se um tanto indeciso sobre os motivos que influíram para que Jesus fosse a Jerusalém. A celebração da Páscoa invocada pelos evangelistas é uma causa relativamente insignificante pois podia ser celebrada em qualquer outro lugar, sobretudo se levarmos em conta que Jesus muito bem sabia que era em Jerusalém que estavam os seus mais rancorosos inimigos.

É certo que em várias passagens dos evangelhos há textos em que se atribui a Jesus o conhecimento do que iria passar-se, isto é, a prisão e morte. Mas, se Jesus sabia de tudo isso, e apesar desse conhecimento foi ao encontro dos inimigos, conclui-se que ele procurou por si mesmo a morte; nesse caso, acabaríamos por este absurdo: Jesus suicidou-se.

Portanto, ou ele esperava empolgar o povo, e tê-lo a seu favor na hora do perigo, ou então não tinha conhecimento algum daquilo que ia passar-se nem dos riscos a que ia expor-se, e nesse caso, mentem os evangelistas quando dizem que ele sabia e tinha predito o que iria acontecer.

Não influi aqui o argumento de que isso era para cumprir-se o que estava escrito; de qualquer forma, apressando o fim de seus dias cometia um suicídio; todos nós sabemos que a vida terrena terá um fim, mas se apressarmos esse fim por nós mesmos, incorremos no suicídio.

Além disso, deve levar-se em conta o instinto de conservação, que em todos os seres fala bem alto na sua linguagem muda que se traduz por estas palavras: medo de morrer.

Jesus não deve ter sido alheio a esse sentimento, pois segundo os evangelistas, no Horto das Oliveiras, quando em oração, pediu que fosse afastado dele o cálice da amargura.

Só em estado de alucinação se compreende que alguém enfrente a eventualidade de uma morte certa, que é o que se dá com um soldado em uma cruenta refrega. É um estado alucinante e de aturdimento completo. Mas Jesus não estava nesse caso.

Só um fanatismo cego e inconsciente, o que não é muito crível que fosse o estado dele, não obstante nada sabermos ao certo sobre sua pessoa, nem sobre os seus diferentes estados d'alma.

É falha, portanto, a alegação de que Jesus ia a Jerusalém para terminar sua obra, morrendo na cruz, o que é muito discutível, para redimir o gênero humano, o que é absurdo.

A morte na cruz não pode ter-se dado como nos é relatada; um homem comum carregando uma cruz como pretende João (os outros dizem que foi Simão Cireneu que a levou) por um longo trajeto, maltratado, cansado, exausto, ao ser cravado de pés e mãos no alto da cruz e depois dela ser levantada verticalmente, o peso do corpo seria suficiente para fazer rasgarem-se-lhe os tecidos das mãos, e cair o corpo, cujo peso não poderia ser sustentado só por elas atravessadas pelos cravos. Rasgavam-se as carnes infalivelmente e cairia o tronco para a frente.

Também não pode ser admitida a teoria da redenção da humanidade porque cada um paga pelo que fez ou faz, e não pelo que outros façam.

Admitida a hipótese da redenção do gênero humano, pergunta-se: e os que viveram antes de Jesus e de sua morte? Estariam perdidos só por não terem tido quem por eles morresse? Pode dizer-se que a tragédia do Calvário tinha efeito retroativo, abrangendo, portanto, os que já estavam mortos, mas nesse caso onde estavam eles depositados antes de Jesus morrer? E que culpa tinham eles de terem morrido antes?

Como quer que seja, o fato é que a ida de Jesus a Jerusalém, cuja causa não está suficientemente provada, foi imprudente, a não ser que ele esperasse ali qualquer acontecimento que lhe tornasse o meio favorável, ou talvez até uma apoteose.

Isso não se deu, e parece que Jesus continuou mostrando sua animosidade contra os fariseus, como se vê em Lucas, capítulo 19, versículos 45 e 46, ou em Mateus 21, versículos 12 a 17, irritando-lhes os ânimos a ponto deles convencerem o Procurador Pilatos de que se tratava de um perturbador da ordem, motivando o mandato de prisão e subsequente condenação à morte.

Há, nos evangelistas, uma tentativa de tirar a Pôncio Pilatos a responsabilidade ou culpabilidade da morte de Jesus, mas isso explica-se pelo fato de que os primeiros cristãos queriam contar com o beneplácito das autoridades romanas, únicas com que podiam contar na guerra franca que existia entre ele e as sinagogas.

No velho escrito a que já nos temos referido, "Toldos Jeschu", há mais verossimilhança, pois, diz-se lá que a tal rainha Helena ameaçou de morte os que haviam prendido Jesus contra sua ordem e que, por isso, sofreram eles depois as mais severas punições.

Aliás, nos evangelistas, com a tal história de ter Pilatos hesitado e lavado as mãos, consentindo por fim na morte, revelou-se pior do que eles o pretenderam apresentar: simplesmente um covarde.

Ou ele sabia que Jesus era culpado e o condenava, como condenou, ou tinha a certeza de sua inocência, e em tal caso não o podia ter condenado, ele que tinha poderes para uma e outra coisa.

A lenda da opção entre Jesus e Barrabás não tem pois razão de ser.

O que todavia é mais provável é que Jesus, até o último momento, ou esperou qualquer coisa de anormal que o salvasse da fúria dos fariseus, ou então estava longe de supor o que lhe iria acontecer, e tanto assim que segundo Mateus, capítulo 26, versículo 32, ele havia marcado um encontro posterior na Galiléia com os discípulos.

Pilatos, porém, foi inflexível e assinou a pena de morte, tirando-lhe as últimas esperanças.

Quais os motivos da condenação?

O mais provável é que tenha sido apresentado o de sedição, pois era Jesus acusado de dizer-se rei dos judeus, o que constitui causa mais do que suficiente, visto estar-se sob o reinado de Tibério, segundo todas as conjecturas históricas.

Tibério era um monarca cheio de superstições e perseguido pelo medo, do que há vestígios claros na história daquela época. É impossível que até ele não tivessem chegado os rumores de que nas terras já adjudicadas ao império romano houvesse surgido alguém apresentando-se ou inculcando-se rei da Judéia, o que levaria o soberano a ficar um tanto preocupado com o que por lá se estava passando.

Dizem alguns historiadores que por essa época Pilatos não estava em muito boas graças com o imperador, e por conseguinte, o receio de ver sua situação agravada em Roma podia ser causa determinante da assinatura da pena última contra quem, na sua própria frente, sustentava que era rei dos judeus, ou pelo menos não repelia essa insinuação.

Decretada essa sentença de morte, mandaria um relatório a Tibério, e com isso provaria que estava desempenhando o seu cargo de procurador com zelo, agradando e captando as boas graças do imperador.

Se outra prova não houvesse de que a causa da morte foi a que consignamos, bastaria a inscrição que fez colocar no alto da cruz, com a qual significava o motivo da condenação, isto é, por ter-se dito rei dos judeus, se é verdadeira nesta passagem a lenda evangélica.

Qual foi a data em que morreu Jesus?

É outra pergunta que fica sem resposta, e isso não deixa de ser extraordinário, porque trata-se de um acontecimento que, segundo os evangelhos, provocou tumulto social, que foi precedido de um processo agitado seguido da condenação à morte de um homem que atravessara a vida fazendo milagres de toda espécie, curando enfermos, dando vista aos cegos, restituindo movimento aos paralíticos, em constante colóquio com anjos e demônios, adulado por aqueles e vencendo a estes, mantendo comunicação direta com Deus.

É inexplicável que nada se saiba de um fato que, ainda segundo esses escritos, provocou o fenômeno de cobrir-se a terra de trevas em pleno dia, tendo-se rasgado o véu do templo de alto a baixo, ressurgindo mortos que se puseram a passear tranqüilamente pelas ruas da cidade à vista de muita gente como dizem os evangelistas.

Tanta coisa de anormal que aconteceu nessa ocasião, e nada se sabe ao certo nem a respeito da data, nem da autenticidade dos fatos!

É incrível que pouco se saiba com segurança sobre um acontecimento que vem sendo falado há quase dois mil anos, desafiando a curiosidade de uns e a crítica histórica de outros, com uma ressurreição maravilhosa em que o sepulcro aparece aberto e vazio, apesar de ter soldados a montar-lhe guarda, tendo-se dado um temor de terra que deveria causar pavor, com um anjo, ou anjos, sentado em cima da pedra que o cobria, gritando aos que montavam guarda que o morto ressuscitara.

Tudo isto, a ser verdadeiro, devia ter ficado notável e célebre nos anais da história daquela época. Como é que, a não ser os evangelistas, nenhum outro historiador digno de acatamento faz menção de tais fatos?

Se todos esses acontecimentos se tivessem realmente dado, o Universo inteiro deveria ter conhecimento deles; mas, ao contrário disso, a não ser os interessados nessa complicada lenda, ninguém mais sabe de nada.

De tudo o que aí fica exposto, e dado o acúmulo de dúvidas e incertezas, cabe ao leitor o direito de fazer estas perguntas: Quando morreu Jesus? Como morreu Jesus? Por que morreu Jesus?

Tudo é vago e problemático; ninguém de boa fé poderá responder de uma forma categórica.

Ressurreição, prodígios e aparições

Vejam, antes de mais nada, uma proposição da teologia a respeito da ressurreição: “quoad nos fuit resurrectio necessaria, ut nos impeleleremur ad fidem Cisto habendam – em relação a nós, a ressurreição foi necessária para que acreditássemos em Cristo”.

De acordo com esse teorema, só acreditaríamos em qualquer pessoa com a condição de que ela morresse e ressurgisse. Por esse preço, ninguém poderia nem querer ser acreditado por outrem.

Mas a teologia lança também outro princípio que não é cabível: “resurrectio est complementum operis redemptionis – a ressurreição é o complemento da redenção”.

E como é um ponto teológico doutrinário estabelecido que Jesus é Deus também, pelo dogma da SS. Trindade, segue-se que Deus, para redimir a humanidade perdida, matou Deus para apaziguar as iras do próprio Deus.

O que, porém, se torna indiscutível é que a morte de Jesus colocou a Igreja em uma situação crítica, depois que decretou como ponto de fé a trilogia em questão.

Efetivamente, se Jesus era Deus segundo a monstruosa determinação do Concílio que a criou, e apesar disso morreu, conclui-se, logicamente, que o Universo já esteve acéfalo algumas horas, desde a morte à ressurreição.

Poderá ser alegado, em desespero de causa, pelos apologistas religiosos, que só morreu o Filho, tendo ficado vivos os outros membros do tal grupo. Essa alegação, porém, cai pela base diante deste simples raciocínio: o “Espírito Santo” (“terceira “pessoa”) não passa de uma abstração, sem realidade concreta, pois consiste no afeto que o pai tem pelo Filho. É, portanto, um sentimento e não uma entidade.

Conseqüentemente, se o Deus da Igreja é uno em três pessoas, durante a morte de uma delas esteve, ipso fato, morto também, porque, segundo o inconcebível dogma, é indivisível.

E isso mesmo se encontra nas páginas evangélicas, onde se atribui a Jesus a declaração formal de que ele e o pai eram UM, por conseguinte indivisível.

E aí está ao que os Evangelhos e a Igreja reduziram essa entidade a que deram o nome de Deus, admitindo tácita e implicitamente a morte dele embora por algumas horas. Quem teria sido o detentor do poder durante esse período? Teria sido essa outra personalidade S. Exa. o Sr. Satanás? Ou teria o Universo ficado acéfalo, entregue si mesmo?

Eis os disparates a que, dentro das páginas evangélicas, por ordem da Igreja, vamos parar levados pela dedução e pela lógica racional. Desafiamos a que alguém decifre esta charada teológica.

Teria Jesus realmente ressuscitado no sentido em que falam os evangelistas?

Quanto a nós, repelimos formalmente essa hipótese. Jesus era um homem sujeito às leis naturais, imutáveis, que regem a harmonia entre força e matéria no Universo. Nessas condições, seu corpo entregue à sepultura, se morto estava, passou pela evolução e transformismo do grande laboratório da natureza.

Admitida a veracidade do desaparecimento do túmulo, é porque os discípulos conseguiram subtraí-lo, burlando a vigilância dos guardas, ou comprando-os, com o fim de propagarem, depois, a ressurreição, como se deduz dos versículos 64 a 66, do capítulo 27 de Mateus, e 11 a 15 do capítulo 28 do mesmo evangelista.

Teriam os sacerdotes fariseus razão para suspeitar antecipadamente dessa farsa, a ponto de exigirem guardas junto ao sepulcro? Tudo indica que sim, porque os túmulos dos outros condenados não eram guardados por soldados. Se houve uma exceção para o de Jesus é que alguma causa imperiosa houve para isso, de contrário não teriam requerido tais providências.

Também pode admitir-se com muito cabimento a hipótese de que não estivesse morto, mas apenas com ferimentos e possivelmente desmaiado. Só assim se justifica o cuidado dos discípulos em reanimá-lo o mais rapidamente possível, talvez para que não expirasse.

Esta suposição pode basear-se em muitas circunstâncias que não passam despercebidas e que entre outras podem ser:

1. o cuidado de José de Arimatéia em solicitar autorização a Pilatos para retirar da cruz o corpo e depositá-lo em um sepulcro que podia muito bem estar preparado previamente para isso;
2. a urgência com que Madalena e outras mulheres correram para o sepulcro com preparados diversos, podendo ser que tivesse sido marcado previamente um encontro lá com outros discípulos;
3. o cuidado que no Gólgota houve em não lhe quebrar as pernas como foi feito aos outros dois condenados;
4. a estranheza de Pilatos quando lhe foram dizer que Jesus já tinha expirado, como se vê em Marcos, capítulo 15, versículo 44;
5. e, finalmente, muitas contradições e discordâncias que há entre umas narrativas evangélicas e outras, discordâncias essas dignas de serem todas tomadas em consideração por vários motivos.

Já alguns observadores fizeram reparo em que houve um cuidado imenso em citar as últimas palavras proferidas por Jesus na cruz. Mas, quem as ouviu? Nenhum dos adeptos se achava próximo, pois todos os apóstolos ou discípulos tinham dispersado desde o princípio, e apenas algumas piedosas mulheres assistiam de tão longe que não poderiam ouvir tudo, tanto mais que a soldadesca devia estar fazendo algazarra, e essas pobres mulheres deviam estar transidas de medo.

Quem teria dito a cada um dos evangelistas que Jesus fizera esta ou aquela exclamação antes de morrer?

João é o único que diz estarem junto à cruz Maria e o discípulo amado, mas nessa afirmação há o intuito visível de interpolar a célebre passagem em que Jesus confia a mãe à guarda desse discípulo, o que torna essa passagem suspeitíssima.

As narrativas evangélicas são contraditórias, ora dizendo que foi só um dos ladrões que blasfemou, ora dizendo que ambos o fizeram, ora citando uma coisa, ora citando outra, e prosseguindo-se na análise histórica do que nos é relatado como tendo acontecido após a tragédia do Calvário, esbarramos continuamente em contradições flagrantes e clamorosos desrespeitos à autenticidade histórica. Nem a própria questão dos anjos empoleirados em cima da pedra do sepulcro é uniforme, não se sabendo se era um ou se eram dois.

Marcos também diz que Jesus ressuscitado fez o primeiro aparecimento na Galiléia; Lucas afirma que foi a dois discípulos na estrada de Amaús, e por fim, João diz que foi junto ao sepulcro, à Maria Madalena. Sobre esta última versão, há a considerar, também, uma circunstância curiosa. Como é que Maria Madalena, tão íntima de Jesus quando vivo, não o conheceu logo? Diz o evangelista que ele estava disfarçado em jardineiro e que ela o não conheceu logo.

É interessante que tendo Maria tido tanta intimidade com Jesus não o tenha conhecido logo. Ou ele ressuscitou inteiramente transformado e desfigurado, ou então não se compreende essa hesitação da parte dela.

O que, porém, parece deduzir-se da forma como João relata o fato é que a Madalena não estava ao par de combinação alguma, pois diz o evangelista que ela estava do lado de fora chorando, ao passo que Simão Pedro e o outro discípulo não parece terem ficado emocionados. Pelo contrário, o discípulo amado olhou, viu e creu, segundo o versículo 8, do capítulo 20.

Mas, creu em que?

Provavelmente na realização de alguma coisa que havia sido anteriormente combinada, o que pode muito bem ser a hipótese do rapto do corpo de dentro do sepulcro, para ser reanimado em qualquer lugar para onde o tenham levado.

É curioso, também, que este evangelista não fale de ascensão; segundo ele, Jesus depois de ressurgir ainda operou muitos milagres e prodígios. No dia em que se deu a ressurreição apareceu, depois de Madalena, aos onze reunidos, e oito dias depois aos doze, estando presente Tomé, dando-se, por essa ocasião, o fato de este discípulo ter posto as mãos nas feridas para crer.

Mais tarde, aparece numa ocasião inesperada junto ao mar de Tiberíade, estando presentes Pedro e outros. Diz o evangelista que Jesus não foi reconhecido como tal, senão depois da pesca milagrosa dos 153 peixes grandes. Isto não deixa de ser um tanto paradoxal, pois esses discípulos tinham-no reconhecido quando apareceu primeiramente aos onze reunidos, e depois aos doze. Como se explica que tão depressa se esquecessem de sua fisionomia? Só se Jesus, depois da ressurreição, estava mudando de aspecto constantemente. Tudo isso não deixa de ser um tanto esquisito historicamente.

Em Lucas, o caso é descrito de forma diferente, pois não foi só à Madalena que ele apareceu, mas, sim a ela junto com Joana, Maria, mãe de Tiago e outras, as quais tendo ido pela primeira vez ao sepulcro aí viram dois homens “vestidos de brilhante roupa”. Quando contaram aos onze discípulos o que se tinha dado com elas, foram tomadas como desvairadas.

A aparição de Jesus deu-se nesse mesmo dia a dois discípulos na Estrada de Emaús, os quais só o reconheceram quando, já numa estalagem, ele partiu o pão, abençoou-o e deu para eles comerem.

Quando souberam de quem se tratava, correram para Jerusalém a fim de contar aos onze discípulos reunidos o que se tinha dado, mas Jesus apareceu de repente no recinto, perturbando-os a ponto deles pensarem que se tratava de um espírito.

Levou-os para Betânia e aí subiu aos Céus, no mesmo dia da ressurreição.

Marcos também confirma a lenda de serem as mulheres as primeiras a ir ao sepulcro, onde um mancebo as mandou avisar os demais discípulos para que fossem para a Galiléia, onde Jesus os iria esperar, não tendo elas cumprido essa ordem recebida.

Jesus aparece nesse mesmo dia à Madalena e confirma a ordem do tal mancebo, mandando os discípulos reunirem-se todos na Galiléia, ordem que ela cumpre sem ser acreditada.

E diz o evangelista que logo a seguir apareceu “de outra forma” a dois discípulos que iam para a aldeia (deve ser o caso de Emaús), os quais também não foram tomados a sério quando o contaram, dando-se nessa ocasião o aparecimento aos onze reunidos, dos quais se despediu subindo aos Céus.

Tudo isso é meio confuso, porque essa questão de estar aparecendo ora de uma forma ora de outra, não se compreende que objetivo pudesse ter; também não se sabe neste evangelista se a subida aos Céus foi na Galiléia ou em Jerusalém, concluindo-se apenas que tudo isso aconteceu no próprio dia da ressurreição.

Finalmente, em Mateus, encontramos algumas variantes; fala-nos inicialmente de “um grande terremoto” que houve por causa da descida de um anjo que veio remover a pedra do sepulcro, sendo o seu aspecto o de um relâmpago, com vestes cor de neve.

Esse tremor de terra só foi visto, ou ouvido, por Mateus, porque os outros evangelistas nada falam dele, e é o segundo por ele referido, porque na ocasião da morte já se tinha dado outro.

Não deixa de ser curioso que a simples descida de um anjo do Céu tenha provocado esse fenômeno sísmico.

Esse anjo dá a ordem para o encontro coletivo na Galiléia, e quando as mulheres saíram correndo para executar a ordem recebida, Jesus saiu-lhes ao encontro, repetindo-a.

Reúnem-se todos em cima de um monte, no mesmo dia da ressurreição, e à vista deles, Jesus eleva-se aos Céus.

Acabamos de ver uma coisa mais ou menos concorde; é que Jesus subiu aos Céus no mesmo dia da ressurreição. No entanto, João, que não fala da subida para o paraíso, diz que ele depois da ressurreição ainda realizou muitos prodígios, de que aliás os outros não falam.

Pois bem, em “Atos”, capítulo 1, versículo 3, diz-se que Jesus andou aparecendo a uns e outros durante quarenta dias, dando ordens para que não saíssem de Jerusalém, ao passo que Mateus, no capítulo 28, versículo 10, põe na boca dele estas palavras: “ide, dai as novas a meus irmãos para que vão para a Galiléia, que lá me verão”.

Onde estará a verdade de tudo isto?

Quanto a nós, estamos na convicção de que os célebres anjos eram amigos de Jesus, ou seus discípulos, embora desconhecidos das mulheres, das quais não se pode pretender que conhecessem a todos os que professavam as idéias de Cristo. A esses deve ser atribuída a remoção da pedra, pois Jesus do lado de dentro do túmulo não o podia ter feito.

Que destino teria levado o corpo?

É o que está perdido no terreno da história.

Onde, e como teria depois morrido Jesus, de morte real e não problemática? Também não se sabe. Os evangelistas deitam a pá de cal sobre o que se relaciona com Jesus, dizendo que ele subiu aos Céus e, a não ser os discípulos, ninguém mais se preocupou com a vida e morte daquele cuja forma e final de existência há dois mil anos desafia as inteligências mais desenvolvidas, por causa da confusão de que o cercaram os primeiros cristãos, e sobretudo a Igreja nos primeiros séculos.

Quiseram fazer dele um Deus; fizeram dele uma entidade lendária, no que muito colaborou Paulo Apóstolo na sua primeira Epístola aos Coríntios, versículo 1 a 58, capítulo 15, onde aumenta o já grande embaralhamento evangélico.

7. COMO TERIA SIDO A MORTE DE JESUS?

Eis uma interrogação que tem ficado sem resposta historicamente fundada e, por certo, o continuará ainda por muito tempo, se não para sempre. Nesse assunto, como em muitos outros, perdemo-nos no terreno das conjecturas, pois houve o criminoso propósito de seqüestrar tudo o que nos servisse para esboçar um Jesus-homem racionalmente formado, material e psiquicamente.

Na ânsia de apresentar-nos um Homem-Deus, acabaram os próceres do movimento religioso por reduzir Jesus às proporções de um curandeiro de esquina ou milagreiro de fancaria, que é o espelho fiel onde se reflete a personagem heroína dos evangelhos canônicos. Mas, a razão e a lógica não aceitam mais esse mito; querem coisa mais concreta, e nesse desiderato, quebradas as algemas do misticismo, vão aprofundando por etapas, e gradativamente, o mistério, espancando as trevas do obscurantismo em que ele se vem escondendo há século.

Descobre-se, dessa forma, vagos indícios, e por vezes documentos antigos de grande valor que viviam avaramente escondidos na poeira dos arquivos, com cujo estudo se não se chega totalmente à verdade pelo menos encontram-se hipótese bem mais plausíveis.

É precisamente também o que se dá em relação à morte de Jesus. Todos os credos religiosos – absolutamente todos – que são derivados da lenda evangélica, evitam aprofundar este assunto, porque sabem que esbarrarão num terrível impasse, e partem, além disso, de um ponto de partida errôneo que é o considerarem Jesus mais uma entidade abstrata do que real.

O resultado é que, relatada a morte com mais ou menos superabundância de recursos de imaginação e fantasia, não sabem o que fazer, ou o que foi feito do corpo. Dirão os panegiristas evangélicos que esse aspecto é apenas material, não interessando ao ponto de vista moral. É falso.

Os evangelhos relatam-nos episódios após a morte, dizendo ter havido ressurreição. Ora, a morte é o fim da vida orgânica, entrando a matéria logo em decomposição no grande laboratório da natureza; portanto, se a ressurreição é a volta à vida, o espírito não poderia voltar a animar um corpo já entrado em putrefação. Logo, se Jesus voltou à vida é porque ainda não havia morrido. Esta hipótese é baseada, quando mais não seja, num velho manuscrito (pergaminho) encontrado em uma biblioteca de vetusto edificio habitado outrora por monges gregos, que vamos analisar, por termos à mão uma tradução feita em 1863 por D. Ramée, de latim para alemão, e em seguida para francês.

Trata-se de uma epístola (carta) enviada por um superior da Congregação dos Essênios, contemporâneo de Jesus e testemunha ocular dos acontecimentos com ele relacionados, nos quais tomou parte ativa. Essa carta foi dirigida de Jerusalém ao superior de idêntica comunidade de Alexandria, para esclarecer pontos que a lenda então, e a exaltação mística, já haviam adulterado tornando-os confusos.

Não entramos aqui em detalhes sobre as dificuldades que houve em copiar este documento encontrado por um membro da Sociedade Comercial da Abissínia, pois o primeiro inimigo da verdade foi um missionário que, por acaso, se achava presente quando se iniciou a decifração e cópia do velho pergaminho; esse missionário, num ardor fanático e ortodoxo, tentou destruir o precioso documento, mas, por felicidade, apenas conseguiu rasgar ou inutilizar um pequeno fragmento.

Mais tarde, o sábio arqueólogo que fez tão interessante descoberta, graças à proteção e influência de alguns negociantes abissínios, conseguiu fazer a cópia desejada e enviá-la para a França, e é graças a ela que temos alguns esclarecimentos interessantes e bem mais verossímeis do que a lenda evangélica.

Confessa o autor dessa carta que os milagres atribuídos a Jesus, e de que já se falava bastante, estavam “sensivelmente exagerados e levados até o maravilhoso e inconcebível pela exaltação dos crentes”. E é por isso que se propunha a reduzir tudo às proporções exatas, “visto

tratar-se de uma entidade que fora membro da ordem”, e fazia-o com a autoridade que lhe dava a circunstância de tudo ter presenciado. As palavras que citamos entre aspas são as que se encontram no texto do documento que temos em mãos.

Declara o autor da carta que Jesus, como João, era essênio, pertencendo um e outro à Congregação existente ao pé do Monte Cassiu, onde José, Maria e Jesus se haviam refugiado antes, por ocasião da ida ao Egito, por cuja hospitalidade José fizera o voto de consagrar o menino à ordem em sinal de reconhecimento.

Depois de vários acontecimentos que seria fastidioso enumerar aqui, relata que mais tarde José, Maria e Jesus foram para Jerusalém para fugirem à pressão que Arquelau fazia sobre a Galiléia; de entradas triunfais não se encontra vestígio de citação alguma nessa carta que estamos analisando.

Jesus, que então já era adulto, impulsivo e ardoroso propagandista da pureza de costumes, logo se tornou malquisto dos fariseus que resolveram perdê-lo, não obstante os esforços de amigos influentes e secretamente filiados à ordem.

Foi preso e condenado, tendo os romanos colocado na cruz o dístico que o dava como Rei dos Judeus, em quatro idiomas, procurando desta forma ridicularizar o Sanedrin e os fariseus.

Já crucificado, quando sentiu sede foi, por um iniciado secreto, embebida uma esponja em matéria narcotizante, de acordo com instruções prévias de José de Arimatéia e Nicodemos, chegando-se com uma cana comprida aos lábios de Jesus que absorvendo o líquido desmaiou.

Foi ainda devido à influência destes poderosos judeus que não se quebrou as pernas dele como foi feito aos demais, porque todos o deram como morto, menos os que estavam ao par do segredo.

Retirado o corpo da cruz com autorização de Pilatos, foi levado para um horto de propriedade essênica e depositado num túmulo já preparado, onde à noite, por meio de ingredientes preparados pelo próprio autor da carta de que nos estamos ocupando, foi reanimado e levado para casa de amigos que iam proceder ao seu restabelecimento completo.

E, de madrugada, um noviço essênio, envergando a túnica branca que era a insígnia do grau a que pertencia, foi ao túmulo para de lá retirar as faixas em que o corpo tinha sido envolvido e que podiam denunciar tudo devido à matéria cicatrizante de que estavam impregnadas; os soldados romanos que se achavam próximos tomaram o jovem por uma entidade sobrenatural e veio daí a origem do anjo que aparecera junto ao túmulo, história que depois foi aumentada ao sabor da fantasia, pois outros irmãos essênios foram ainda ao horto durante a madrugada e manhã para avisarem amigos e discípulos que por lá aparecessem de que poderiam reencontrar Jesus na Galiléia.

Depois de muitas peripécias descritas pelo autor da carta a que estamos fazendo referência, já mais restabelecido, Jesus pôs-se a caminho para a Galiléia, mas ainda muito fraco pelas emoções e resquícios dos sofrimentos físicos. Viajava apenas de noite, não só por precaução, mas também por ser mais ameno e propício o clima noturno, acompanhado por Maria de Magdala, que não se conformou em separar-se dele um só instante, a qual era também já uma iniciada essênica. De longe iam os dois vigiados por José de Arimatéia e Nicodemos que se tinham oposto à viagem dado o estado de fraqueza de Jesus, e receavam por ele.

Todos os cuidados, porém, foram inúteis, e Jesus sucumbiu após alguns dias de viagem, rompendo a sua alma boa os liames da matéria de forma suave, para evoluir-se para o infinito, sendo o corpo inumado perto do Mar Morto.

Como tudo isso aconteceu em segredo, conhecido apenas por alguns iniciados, a lenda da ressurreição tomou vulto e espalhou-se para o que muito concorreu a circunstância de Jesus não ter sido visto mais pelo vulgo.

Como se deduz, foram os próprios soldados romanos que concorreram para criar-se a lenda da ressurreição, mais tarde aceita empiricamente, e hoje tida como dogma infalível.

Não é pois só a Igreja que pode instituir dogmas; a soldadesca romana também criou esse que perdura até hoje.

Tudo o que se encontra na epístola essencial de que acabamos de fazer citação pode ser autêntico, ou não. Mas, o que não se pode negar é que tenha visos de verossimilhança. É mais aceitável do que a lenda evangélica, mais ainda do que o tal dogma da ressurreição que acabamos de ver que foi criado por soldados romanos e não pela Igreja.

A Santa Sé que tenha paciência, mas esta é que é a verdade; teve precursores na rendosa indústria dos dogmas.

8. A REALIDADE HISTÓRICA

Diante do que fica exposto, o leitor não deixará de ter estranhado a falta de verossimilhança dos relatos evangélicos, chegando, como também nós chegamos, à conclusão de que a falta de autenticidade é evidente e clamorosa.

Que tenha existido Jesus pode e deve ter-se como certo, porque um mito não poderia chegar ao ponto de resistir por tanto tempo, cerca de 20 séculos, à crítica meticulosa e rigorosa observação. Se os críticos mais severos se têm detido neste estudo, é porque nele reconhecem existir algo de real, embora muito desfigurado pela lenda, pela superstição e fanatismo cego que foi alimentado propositalmente durante todo esse tempo.

A grandeza de Cristo, porém, estava no terreno espiritual, o que não compreenderam os seus discípulos, nem os primeiros cristãos, e muito menos aqueles que hoje se dizem os seus sucessores.

O Cristo era grande no espírito; os seus discípulos pensavam que um dia ele o seria temporalmente como rei; os que se dizem seus representantes renegaram-lhe a grandeza espiritual e pobreza material, para optar pela grandeza material e nulidade espiritual, e é por isso que à coroa de espinhos preferem a tiara ornada de pedraria e ouro, e à irrisória cana com que se teria apresentado no Pretório, preferem o báculo e a mitra. Jesus nem tinha onde dormir e pregava a pobreza e desprendimento dos bens terrenos, mas, os que se arvoraram em seus representantes amontoam tesouros e só acham compatível com a “sua dignidade” um faustoso palácio com muitos dignitários. Modos de ver as coisas.

Mas se Jesus por cá viesse e novo, e como tal fosse reconhecido, quais seriam os fariseus que ele correria a chicote? Dizemos “se como tal fosse reconhecido” porque se o não fosse, o menos que lhe poderia acontecer era ... darem-no como doido e mandá-lo para o hospício por ter a coragem de dizer verdades nuas e cruas.

E como desde os primeiros tempos do predomínio da Igreja parece ter havido esse receio (de que um dia ele volte como prometeu) haja de bajular o Cristo dando-lhe títulos de nobreza – Cristo Rei – entronizando-o no alto de um morro, de braços abertos, onde mais uma vez parece dizer: “pai, perdoai-lhes porque não sabem o que dizem nem o que fazem”.

Nos primeiros séculos da Era Cristã já houve essa preocupação, dando-o como oriundo da real estirpe de Davi. E depois, para engrandecê-lo aos olhos dos primeiros cristãos, teceram-se as narrativas de forma a que se tivesse como há muitos anos anunciado a sua vinda pelas palavras dos profetas. E como essas profecias já estavam escritas, engendrou-se o histórico do acontecido de tal modo que, pela adaptação feita, tudo estivesse de acordo. E é por isso que pelas páginas evangélicas, esbarramos a toda a hora com as expressões “para que fossem cumpridas as escrituras”, “conforme estava escrito”, “como havia sido anunciado” e outras muitas de igual sentido. São alguns desses arranjos que vamos analisar.

Jesus é dado como tendo nascido em Belém porque Micheas, capítulo 5, versículo 2, disse que de lá sairia o Messias. Em seguida, forja-se a ida para o Egito para fugir à matança dos inocentes, a fim de ser cumprida uma parte do versículo 1, do capítulo 11, onde se diz que o filho de Deus seria chamado do Egito.

A própria matança dos inocentes é outro decalque do Velho Testamento e cópia também do Egito. A cena dos soldados ao pé da cruz disputando a túnica de Jesus por meio do jogo de dados é para dar confirmação ao Salmo 22, versículo 18, onde se lê: “diviserunto sibi vestimenta meã, et super vestem meam miserunt sortem – dividiram entre si os meus trajes e sobre minha túnica jogaram à sorte”.

Nesse mesmo salmo, vamos encontrar o que deu margem à lenda de ter Jesus sido cravado de pés e mãos, pois há um versículo que diz: “foderunt manus meas et pedes meos – transpassaram minhas mãos e meus pés”. Nesse salmo, que seria longo transcrever, parece que foram os evangelistas buscar o modelo de suas narrativas da paixão e morte, e para que seus

contos fossem recebidos como verdade absoluta, acrescentavam que assim acontecia para que fossem cumpridas as escrituras ou as profecias.

A traição de Judas, com aquela história de “é um dos doze que mete comigo a mão no prato”, segundo Marcos, é uma paródia ou cópia do salmo 40, que diz: “homo qui edebat panes meos, magnificavit super me supplantationem – o homem, que comia o meu pão, traiu-me”.

Até mesmo a beberagem que deram a Jesus, de fel e vinagre, se encontra no salmo 68, onde os evangelistas devem ter-se inspirado ... por plágio.

Mas, de uma forma completa e ampla, podemos ir buscar toda a história da paixão em Isaías, onde tudo se encontra desde o nascimento de Jesus até sua morte, embora com palavras diferentes, podendo ainda juntar-se o Terceiro Livro dos Reis, capítulo 11, no qual foi copiada a história do massacre de crianças do sexo masculino, que se diz ter sido ordenado por Herodes.

Há quem se impressione com o fato de Jesus ter acalmado tempestades e caminhado sobre as águas. Mas isso é uma repetição, ou adaptação, tirada do Velho Testamento, onde se lê que Moisés domou e abriu caminho para o seu povo através do Mar Vermelho, como está no Êxodo; Josué fez a mesma coisa com as águas do Jordão.

A ascensão de Jesus também não constitui novidade fora do Velho Testamento onde podemos ir encontrar a passagem de Elias sendo arrebatado aos Céus num carro de fogo; os evangelistas, no caso de Jesus, apenas o fizeram ir sem carro, mas o resto é cópia perfeita, com a diferença que Jesus antes disso passou pela morte e Elias não.

Muitas curas e milagres são decalcados sobre os que já existiam mencionados nas escrituras, apenas revestidos de maior retumbância e caráter mais maravilhosos, pois pretendia-se impor aos primeiros cristãos e seus descendentes um Jesus como autêntico Messias, mesmo que para tanto se recorresse ao impossível, ao absurdo e ao anormal como se fez. Esse objetivo foi conseguido; mas à custa de quanto trabalho de adaptação, falsificação da verdade e interpolações manifestas!

Em alguns casos, nem houve ao menos o cuidado de variar de palavras, como aconteceu numa de suas exclamações na cruz: “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?”, conforme está no Salmo 22.

Até a própria ressurreição foi tirada de antigas religiões do Egito, onde anualmente se comemorava a morte e ressurreição de Osíris, aproveitando-se até o detalhe dos três dias que foi o tempo que levou a reencontrar-se Osíris, depois de sua morte e volta à vida.

E aí está o que é a realidade histórica das narrativas evangélicas. Decalques, cópias, plágios, e nada mais.

Tirando-se-lhe o absurdo, o maravilhoso e o inconcebível, resta só o trabalho de adaptação do Velho Testamento na alegação de que era o cumprimento das escrituras e profecias. E se isto tirarmos também, veremos Jesus então reduzido a proporções de uma criatura humana, mais compreensível, porque sairá do terreno lendário e mitológico em que o esconderam, fora do alcance das almas sequiosas de verdade e luz. Haverá no Jesus, que então vislumbraremos, mais simplicidade, mas por isso mesmo, mais grandeza porque também simples e desprezioso era Confúcio, sem milagres nem prodígios, e sua moral é grandiosa, na qual achamos que Jesus deve ter bebido muito do que ensinou ao mundo, pela assimilação de conhecimentos profundos, talvez à custa de muitas existências sucessivas, e de uma aprendizagem longa, no tempo e no espaço.

Mas será mais coerente e acertado dizer-se que ambos, o filósofo chinês e Jesus, aprenderam na escola comum: na da eternidade, porque eternas e imutáveis são as leis divinas, cuja aprendizagem todos teremos que fazer também, custe o que custar.

9. OS EVANGELHOS E O RESULTADO DO SEU USO E ABUSO

Quase todos os credos religiosos, sobretudo os mais em evidência, fazem dos evangelhos a sua pedra de toque, neles vendo, ou pretendendo ver, a síntese de toda a lei moral.

E como é sabido que quase todas as seitas e religiões têm por característica especial o odiarem-se e combaterem-se reciprocamente o mais que podem, embora hipocritamente apresentem, ou apregoem, uma caridade de fancaria, como letreiro vistoso em fachada mal feita, tira-se o corolário naturalíssimo de que os evangelhos têm sido, e são, apenas objetos de discórdia nos campos religiosos.

E não está errada esta conclusão.

O apego aos evangelhos de uma forma empírica, sistemática, tem trazido à humanidade os mais deploráveis resultados com verdadeiras hecatombes e caudais de sangue, que de vez em quando fizeram estarrecer o mundo, especialmente a negrejada inquisição, que em vários países espalhou por longo tempo o terror, o luto, a orfandade e a miséria invocando a letra evangélica e nela se baseando para a satisfação de rancores mal sopitados.

Não esqueçamos, também, as cruzadas à terra santa onde, em nome de um Cristo de paz, se levou a guerra desenfreada, e a doutrina evangélica a golpes de montante e nas pontas das lanças.

Os frutos perniciosos do apego à letra evangélica faziam-se notar já nos primeiros anos da Era Cristã. A primeira rusga que surgiu de forma séria no seio do cristianismo, já sob o guante de verdadeiros bonzos precursores do catolicismo de hoje, foi a manifesta má vontade que o Apóstolo Paulo mostrou desde o início em relação a Pedro. Há, nas epístolas dele, verdadeiras agressões, e pontos de vista já em evidente oposição ao que ensinava o discípulo de Jesus.

Mais tarde, os arianos desligam-se do seio da Igreja, aí pelo ano 318 da Era Cristã, acompanhando a teoria de Ario, que combatia seus contemporâneos alegando que nos evangelhos sinóticos, e mesmo no quarto, o Filho aparece subordinado ao Pai, destruindo, desta forma, os princípios estabelecidos no dogma da SS. Trindade. Esta corrente teve inúmeros adeptos, entre os quais grandes vultos da Igreja, e entre eles Eusébio de Nicomédia e Eusébio de Cesaréia.

Os ortodoxos também se separaram do seio da Igreja em virtude de não estarem de acordo com o princípio estabelecido de que só é verdadeira a doutrina revelada por Jesus aos Apóstolos e por estes legada a seus sucessores, devendo, em casos de dúvidas, pronunciar-se a Igreja definindo novos pontos de vista ou interpretações. Em qualquer hipótese, os evangelhos seriam sempre o ponto de partida.

A Igreja grega, ortodoxa, porém, apenas reconhece como autoridade os primeiros sete concílios ecumênicos, e pretende ver neles toda e qualquer definição doutrinária julgada necessária. Para os ortodoxos, os evangelhos vivem como que à margem de qualquer discussão.

Passemos, ligeiramente, sobre as muitas questiúnculas que surgiram periodicamente no seio da Igreja, sempre por causa de interpretações divergentes dos textos evangélicos, e lembremos ainda a formidável dissensão trazida pela Reforma, de que Lutero foi desassombroso campeão, proclamando seus pontos de vista com energia e clareza, não obstante os perigos a que se expôs por várias ocasiões.

No meio do protestantismo sabemos bem quantas divisões e subdivisões tem havido, todas elas tendo por causa única e primária a interpretação de textos evangélicos.

Mas, se isto se tem verificado em outros credos, também o espiritismo não escapou a essa epidemia, pois, não há muitos anos ainda, surgiu a infeliz idéia de alguém, ou alguma instituição, cujo nome não vem ao caso, tripudiar sobre as páginas evangélicas, e a pretexto de interpretações diferentes suscitar uma terrível celeuma; a questão da corporeidade de Jesus. Em torno desse

assunto, levantou-se tanta hostilidade que ainda hoje perdura, pronta a espocar novamente ao menor pretexto.

Perdoem-nos os que por acaso forem demasiadamente evangelistas, mas é inegável que o trabalho maior que os evangelhos têm realizado é suscitar polêmicas estéreis e intermináveis, às vezes até por causas bem fúteis.

Agora, passemos em ligeira revista as condenações decretadas em vários concílios ecumênicos, baseadas nos evangelhos, contra seitas e correntes que também tinham por base os mesmos escritos.

No ano 325, o Concílio de Nicéia fulmina a heresia de Ario aparecida em 318, dando margem à primeira cisão séria no seio da Igreja; em 381, o Concílio de Constantinopla condena a teoria de Macedônio que dentro dos evangelhos sustentava que Jesus era de natureza idêntica à de Deus, sem todavia admitir a divindade do Espírito Santo; em 451, no de Calcedônia, novas condenações, outras se seguindo em 553, no do Constantinopla, que se repetiu em 680 e 681; no de Nicéia, em 787; no de Latrão, em 1215; no de Trento, em 1545, condenando Lutero, Calvino e Swinglio. Em resumo, muitas outras que seria longo enumerar, mas que todas tinham por causa interpretações dos evangelhos.

É deveras impressionante verificar como estes escritos têm fornecido argumentos a tantas correntes diametralmente opostas, e que ainda se lhes pretenda hoje dar um valor que na realidade estão bem longe de ter.

Apesar de tudo, não faltará ainda quem depois de todas estas observações queira dar outra feição ao assunto, tomando no singular o que até agora temos analisado no plural: “evangelho”, e não “evangelhos”.

Isso chamar-se-ia virar o bico ao prego, porque dessa forma pretenderá alguém dizer que não é dos evangelhos como livros que fazem a apologia, mas sim das idéias que essa palavra significa no singular, ou seja, “boa nova”. Como lei ou código de moral.

Todavia, considerando mesmo o assunto sob esse aspecto, ainda estamos em desacordo. Jesus não trouxe uma boa nova no sentido literal do vocábulo.

A moral? Mas, já ponderamos que a moral é uma lei divina e por conseguinte eterna, como eterno é Deus donde ela é oriunda. Portanto, não foi trazida por Jesus como coisa nova. Os livros religiosos e filosóficos da mais remota antiguidade estão cheios de preceitos de moral, e alguns até sensivelmente mais belos, transcendentos e claros.

A idéia das vidas ou existências sucessivas? Mas, isso já outros o haviam feito antes dele; abra-se o Velho Testamento e aí se encontrará essa doutrina explícita; vamos à Grécia e lá encontraremos Platão afirmando e demonstrando a imortalidade da alma; vamos ao Egito e lá veremos os iniciados nas grandes ciências cultuando os seus mortos e com eles mantendo relações naquilo que era chamado os mistérios da doutrina secreta; saltemos à China e lá constataremos a existência dos mesmos princípios belíssimos e sugestivos; passemos aos sertões africanos e lá veremos o culto dos mortos, embora de forma embrionária; e, agora, voltemos para a terra palmilhada por Jesus e a ele mesmo veremos, segundo a lenda evangélica, dizendo que Elias já tinha vindo e não fora reconhecido.

Jesus não trouxe, então, novidade alguma à Terra, e muito menos um evangelho, em qualquer sentido que se queira tomar essa palavra.

Donde, então, a origem da concepção do evangelho como “boa nova”?

Leiam-se as muitas afirmativas e promessas que Jesus fazia de uma próxima volta – a parúsia – cheio de poder e majestade, garantindo aos seus discípulos e amigos lugares de grande destaque no novo reino que iria implantar-se, como juizes das tribos de Israel, e aí estará a tal “boa nova”. Não seria por ventura uma notícia auspiciosa, uma promessa risonha, que esses humildes pescadores recebiam?

Eis a origem do sentido que se deu à palavra logo desde o princípio, e isso demonstra o júbilo e esperança com que os discípulos receberam a revelação que tomaram ao pé da letra. Eles

que tinham tanta fé e confiança no Mestre, só podiam receber isso como uma autêntica “boa nova”, como um evangelho portanto. Quase pode afirmar-se que no princípio estava bem longe deles a idéia religiosa que mais tarde se aplicou e adjudicou à palavra.

Se alguém que nos mereça uma fé absoluta e confiança inabalável vier um dia qualquer dizer-nos que vamos ser herdeiros de uma grande fortuna, ou que vamos ser colocados em rendosa sinecura, receberemos essa informação em transportes de alegria, como uma “boa nova”, e deve ter sido isso o que aconteceu aos primitivos discípulos de Jesus, tanto assim que encontramos aquela interrogação sobre qual seria o prêmio para os que o seguiam.

Com o decorrer do tempo, esse sentido primitivo da palavra foi-se perdendo, e foi-se chamando “evangelho” às doutrinas que o Cristo propalava, que afinal não eram privativas e exclusivamente dele como já temos feito sentir.

Teria Jesus feito mal em procurar atrair os discípulos por meio de promessas vagas, deixando que eles tomassem em sentido material aquilo em que ele apenas punha um aspecto espiritual, permitindo que eles compreendessem que se tratava de uma reforma social, com a implantação de um novo estado de coisas? Essa pergunta tem sido feita por muitos pensadores, sem que todavia fosse achada uma resposta satisfatória.

Leve-se em conta, porém, que era a criaturas rudes e de inteligências medíocres que ele falava, às quais era preciso impressionar pelo lado mais vulnerável – o do interesse em verem-se em melhor situação um dia. Isso até ainda hoje se verifica, não obstante tanta pregação de evangelho de todas as cores e matizes.

Outra concepção, portanto, da palavra “evangelho” não se pode fazer, porque – repetimos – como repositório de moral ele seria eterno, e não teria sido trazido à Terra por ninguém. Acha-se em estado latente na consciência de cada um de nós, e quanto mais evoluídos formos espiritualmente, melhor o iremos compreendendo.

Não se concebe, por conseguinte, a aberração do bom senso que se nos depara, sobretudo nos centros espíritas onde se persiste em “estudar” e “comentar” o evangelho ou os evangelhos.

É um evidente absurdo.

Se se trata de um código de moral, como muitos pretendem, é de origem divina e eterna, nesse caso não se discute nem se comenta; cumpre-se ou procura-se cumprir o melhor possível.

Só se comentam, discutem e torcem textos aos códigos humanos, porque são falhos, imperfeitos e convencionais, ao contrário do que acontece com a lei divina que não admite discussão nem comentários, por não estar encerrada em compêndios, mas sim, nas consciências das criaturas.

O melhor e único estudo que temos a fazer é adaptar-nos a essas leis, estudando o porquê das coisas, para que evitada seja a punição ou conseqüência do afastamento delas.

Nos centros espíritas, em muitos deles pelo menos, por uma questão de indolência, preguiça, ou fanatismo atávico, dá-se preferência ao “estudo do evangelho” pondo de parte outros compêndios filosóficos, o que está visivelmente errado.

O evangelho não ensina a ninguém a grandeza e complexidade da fenomenologia espírita. Desafiamos quem quer que seja a provar que nas páginas dos evangelhos pode aprender-se por exemplo – e compreender – as leis que regem o fenômeno mediúnico, ou as materializações.

Porque, então, em tanto núcleo espírita esse fanatismo que faz residir, ou supõe residir, só no evangelho o estudo do espiritismo? É que a maioria da geração contemporânea que perambula por esses centros é composta de trânsfugas de outros credos religiosos que têm por base o misticismo, os quais de lá trazem essa bagagem pesada de crendices, superstições, fetichismo e concepções saturadas de um fanatismo cego e retrógrado.

Entram de olhos fechados para o espiritismo, onde julgam encontrar arranjos de vida que confiam a “falanges” de caboclos e africanos, nova modalidade de escravidão; é apenas o lado material que seduz essa espécie de crentes e adeptos, nos quais não existe nem de longe o interesse por estudo algum.

E os dirigentes desses centros? São, muitas vezes, outros tantos fanáticos, sem grandes conhecimentos doutrinários, mas com muito orgulho e vaidade, embora com a máscara mal disfarçada da humildade e modéstia. Em muitos desses dirigentes há um despeitado que não se conformou com alguma advertência ou conselho que lhe tenha sido dado em outra agremiação que freqüentava, e ferido em seu amor próprio resolveu sair e “fundar” outro centro do qual se faz “presidente” para impingir aos que o acompanharem o “estudo do evangelho”, por atacado e a varejo, dada a incompetência de proporcionar ou dirigir outra espécie de estudos; mais fácil é para essas criaturas “mastigar” rezas cheias de místicos arroubos, do que aprofundar um tema científico da filosofia espírita para o que lhes falta capacidade e idoneidade.

E se, por acaso, alguém tiver a coragem e desassombro de divergir de seus pontos de vista, ou de sua orientação doutrinária, esse alguém será inexoravelmente amarrado ao pelourinho da repulsa pública como louco e obsedado, que é o que muitos dirão do autor destas linhas por haver escalpelado esse tumor maligno do espiritismo religioso e fanático que infelizmente se vai alastrando de modo assustador.

É evangelho e só evangelho. Não serão capazes de outra coisa? Muitos não o são porque lhes falta, como já dissemos, a competência; outros seriam capazes disso, mas falta-lhes a iniciativa própria, tolhidos que estão por um convencionalismo vaidoso e tolo, levando por isso mesmo em “palestras” e “conferências” sucessivas, em que apenas fazem jus aos aplausos de auditórios mais ou menos diminutos, discorrendo sobre assuntos abstratos e sem realidade nem utilidade prática alguma. No fim de todas essas “arengas”, por muito que se esprema nada se aproveita, ou então aparecerá unicamente uma tremenda misturada de citações de lugares comuns a todas as religiões.

O que é deveras condenável é que os tais organismos centralizadores não se apercebam desse espiritismo empírico e caótico, ou que o deixem proliferar.

Pois se até já vimos centros espíritas com altares, indumentária especializada e a clássica bandeja para as espórtulas com que se há de comprar a cera ... Já vimos casamentos e batizados espíritas!!! Só falta a missa! Qualquer dia aparece também ...

Não é exagero; já temos presenciado isso em vários lugares, e coisas muito piores que não vem ao caso.

E aí está o que tem produzido o apego aos evangelhos, no passado, no presente e talvez no futuro se não houver quem se disponha a entrar de bisturi e formol nesse amontoado de incongruências a que chamam estudo dos evangelhos, com o uso e abuso que deles se vai fazendo.

A geração nova, todavia, já se vai apresentando com outras características mais racionais. Quem sabe se não chegará o dia em que os filhos levarão os pais às escolas pelas orelhas? Esse movimento já se vai esboçando, felizmente.

Precisaremos nós de tanto apego a esses velhos escritos?

Não; aquilo de que temos necessidade, e devemos dar aos outros, sobretudo aos que nos ouvem, é um maior amor ao estudo e ao raciocínio normal sem as injunções de credices nem religiosidades, do que resultará um mais amplo conhecimento do dever a cumprir em relação cada um a si mesmo, e em relação a seu semelhante.

Deter a prática e estudo doutrinário dentro dessas páginas evangélicas ou até dentro do “Evangelho Segundo o Espiritismo” é propagar preceitos dogmáticos, ou forçar interpretação de textos duvidosos.

Em vez disso, portanto, ministre-se instrução e faculdade de raciocinar com clareza e independência, explanando as razões de tudo o que é e existe, com explicações claras e racionais das causas e efeitos das reencarnações, da necessidade das vidas sucessivas, e teremos prestado à humanidade o maior de todos os serviços, auxiliando-a na aprendizagem constante e progressiva.

É impossível que a criatura, depois de bem compreender essas coisas, não procure melhorar-se, aproveitando o melhor possível cada uma das estadias neste planeta, e nisso reside

toda a lei moral, código divino e eterno, que não é dos evangelhos, não é dos homens, não foi de Jesus, mas do Infinito, de Deus.

10. EVANGELHOS APÓCRIFOS

Temos falado no decorrer deste trabalho, por várias vezes, em evangelhos apócrifos. De uma forma geral, poderia dizer-se que apócrifos tanto são os tirados da circulação como os que foram adotados para constituírem a Vulgata Latina, pois ninguém poderá dizer em boa fé e sinceridade que esses tenham sido escritos por Mateus, Marcos, Lucas ou João, de quem trazem os nomes.

No entanto, a dolorosa verdade é que só foram considerados como tais, como apócrifos, aqueles que se julgou contrariarem o sobrenatural e as idéias teológicas triunfantes.

Em lugar de procurar-se esclarecimentos reais sobre a existência de Jesus, houve a preocupação única de reduzir o mais possível o número desses escritos, os quais confrontados uns com outros, sem preconceitos nem imposições de quem quer que fosse, poderiam ajudar a fazer-se mais luz sobre tão debatido assunto.

Na guerra aberta contra judeus e não cristãos, destruíram-se ou sonegaram-se verdadeiras preciosidades.

Para que nos servem historicamente os canônicos que nos deixaram, se pela própria confissão de São Jerônimo, o autor da Vulgata Latina, sabemos que eles são um arranjo encomendado, sem base nem fundamento algum?

Tudo aquilo que tivesse a aparência de uma biografia sinceramente humana foi destruído ou enclausurado; e quando não se lançou mão desse recurso, fizeram-se alterações e falsificações propositadas.

No entanto, por citações, e mesmo por alguns que escaparam à destruição, pode fazer-se idéia do que eram os apócrifos.

Temos, como já dissemos, uma coletânea de alguns, cujo exame nos levou a essa conclusão.

Os apócrifos, em geral, dividiram-se em duas categorias: dogmáticos, os que contavam por inteiro a vida de Jesus, e foram destruídos intencionalmente pela Igreja, sob a alegação de pertencerem a seitas que haviam divergido dela. Em uma escavação arqueológica realizada no Egito, foi há alguns anos encontrado um fragmento que se supõe ter pertencido ao “Evangelho de S. Pedro”, contendo apenas a ressurreição e a paixão. Existem, também, fragmentos do “Evangelho dos Hebreus” de que alguns críticos afirmam que fazia parte o “Toldos Jeschu”, que já temos citado, porém não aparece o restante que o completaria.

A outra categoria de evangelhos apócrifos tem a denominação de “lendários”, porque neles há muitos produtos da imaginação, de certo inofensivos porque a Igreja não os perseguiu tanto, e nessa classe pode considerar-se o “Evangelho da Infância”, o de São Tomás, o de São José, e alguns mais. Há, também, quem cite o “Evangelho dos Atos de Pilatos”, e o de Márcio, pretendendo que este, quando falsificara os originais de Lucas, a que já nos referimos, escrevera um outro.

É, como se vê, lastimável que trabalhos dessa natureza estejam perdidos, pois concorreriam muito para a elucidação e recomposição histórica da vida de Jesus.

CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho, muitos leitores terão achado severas as apreciações feitas, julgando-nos autor de uma obra de demolição, ou pelo menos tendo alimentado tais intuítos.

Nada mais errado; nem essa preocupação tivemos um só instante, porque aquilo que não tem valor por si mesmo se destrói, ou então é posto à margem como imprestável.

É isso o que acontecerá dentro de pouco tempo com os calhamaços evangélicos, pois há tanta razão para ainda a eles nos determos como haveria para usarmos ainda hoje as roupas de nossa infância.

Não confunda, porém, o leitor a nossa atitude. Na apreciação feita, procuramos apenas escoimar a personalidade de Jesus desse labirinto de citações absurdas e contraditórias, onde ele aparece de forma inconcebível, mais como lenda, do que como realidade histórica e personagem puramente humana.

E, para melhor sermos compreendidos, encerramos este livro com uma autêntica profissão de fé, dizendo como concebemos e admiramos a pessoa augusta, espiritualmente, do Mestre; como ele se reflete em nossa alma, nos refolhos mais íntimos da consciência, o mesmo podendo fazer os que estiverem isentos de fanatismo ou religiosidade demasiada que lhes tolheria a faculdade de raciocinar livremente.

Não existiu, nem existe, em Jesus nenhum caráter de divindade, o que lhe desvalorizaria a ação exemplificadora.

É um irmão mais velho que, pelo estudo e perseverança nas leis eternas que já conseguiu compreender, atingiu uma perfeição e adiantamento que não estão vedados a ninguém. Foi e é um exemplo para aqueles que quiserem segui-lo na escola ascensional rumo ao Infinito.

E por essa perfeição atingida, são-lhe peculiares as virtudes que mais podem nobilitar os seres, que tem em tal grau de desenvolvimento que à nossa deficiente percepção escapam ainda, e escaparão por muitos anos no decorrer de existências sucessivas.

Jesus é um bom, em toda a extensão da palavra; nós somos ainda maus e cheios de imperfeições.

Jesus é um brilhante que já está lapidado; nós somos ainda brilhantes por lapidar, mas atingiremos também esse grau em que ele se encontra, porque, pela origem divina que temos, espera-nos a perfeição no decorrer dos tempos, embora para isso levemos milhões de anos.

Na sua época na Terra, pode Jesus não ter sido perfeito em todo o rigor da palavra, ao menos pelo que se deduz dos textos evangélicos.

Mas foi, no entanto, um filósofo como poucos, um homem que tinha o desassombro de dizer o que pensava, e para quem os preconceitos sociais nada eram.

Era um idealista que tudo sacrificava pelo ideal colimado, um reformador que tendo conhecimentos profundíssimos de moral adquiridos em existências passadas, e talvez no convívio de civilizações de que não há mais memória na Terra, mas que eram adiantadíssimas, pretendeu admoestar a sociedade de seu tempo e levá-la por outro caminho mais espiritualizado.

Não conseguiu; teve dissabores até dos que lhe eram mais caros e daí provinham as tempestades da alma que se lhe nota através das narrativas dos evangelhos, se a estes quisermos dar algum crédito.

E a sua falta de serenidade ante esses desapontamentos constituía nele uma modalidade de imperfeição naturalíssima, porque ele não era um Deus; era um homem, e como tal sujeito às contingências da vida terrena.

A própria crença e afirmativa de que voltaria um dia cheio de glória e poder, era a ânsia íntima que lhe ia na alma ferida pela ingratidão, revoltada ante tanta baixeza moral e social; era o desejo da desforra, da revanche, da compensação futura.

Constituía, por ventura, isso uma imperfeição nele? Constituía, realmente, mas – repetimos – Jesus era um homem, e não um Deus.

E é sob esse aspecto do Jesus-homem, do filósofo formidável, do doutrinador, do reformador mal compreendido, mal recompensado, ferido e aguilhoado pelo sofrimento moral em toda a sua extensão, que mais deveremos admirar Jesus, que não era um místico que andasse rezando pelas esquinas.

Os evangelhos mentem, pois, ao apresentá-lo a nossos olhos tão desfigurado. A poder de quererem elevá-lo tanto, rebaixaram-no ao nível comum de qualquer charlatão, e curandeiro, ou expulsador de demônios.

Para encontrarmos Jesus, temos que ir buscá-lo não nos evangelhos, quer os da Igreja, quer mesmo o de Kardec, ou outros que tenham aparecido ou venham a aparecer, mas dentro de nossa alma, na nossa consciência, como um irmão que já trilhou o mesmo caminho que estamos trilhando agora.

É a ele que temos de nos dirigir como a um irmão mais adiantado, dotado de conhecimentos infinitamente superiores aos nossos, para que nos elucide como conselheiro, como amigo, como o mais fiel de todos os afeiçoados, que apesar do adiantamento que nos leva na senda da evolução espiritual, na viagem para o Infinito, não está fora de nosso alcance, pela vibração sincera de nossas almas feridas e sequiosas de verdade e luz, cujos anseios até ele chegarão infalivelmente.

Só assim poderemos compreender que o Jesus-homem de outrora, e espírito evoluidíssimo de hoje, foi superior e mais digno de admiração do que o Jesus-curandeiro dos evangelhos, ou mesmo do que o Jesus-Deus que as religiões nos querem fazer aceitar.

E essa verdade formidável nós a compreenderemos todos, desde que para isso ponhamos em ação as nossas faculdades de raciocinar, livres de preconceitos ou interesses pessoais dos sectaristas.

Ponhamos de parte as muletas gastas das religiosidades nulas e tolhedoras do progresso e evolução.

Caminhemos para Jesus, para o Infinito, para a perfeição suprema, de cabeça erguida, com a maior confiança no destino que nos aguarda, seguindo o mesmo caminho que ele seguiu, e seremos grandes um dia, grandes espiritualmente, grandes pelos conhecimentos adquiridos, grandes, em suma, para ajudar os que forem mais pequenos e que de nós precisem.

E para isto não precisamos de evangelhos. Precisamos de raciocinar, para acharmos a solução deste problema: **DONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS?**